



**MIRNE PEREIRA DA SILVA**

**JOVENS DE UM POVOADO RURAL DO SUL DE MG  
E SUAS DIFICULDADES E POTENCIALIDADES  
NA ESCOLARIZAÇÃO**

**LAVRAS - MG**

**2022**

**MIRNE PEREIRA DA SILVA**

**JOVENS DE UM POVOADO RURAL DO SUL DE MG  
E SUAS DIFICULDADES E POTENCIALIDADES NA ESCOLARIZAÇÃO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Ambiental, área de Concentração em Educação Científica e Ambiental, para a obtenção do título de Mestre.

Prof. Dra. Marina Battistetti Festozo  
Orientadora

Prof. Dr. Celso Vallin  
Coorientador

**LAVRAS - MG  
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Silva, Mirne Pereira da.

Jovens de um Povoado Rural do Sul de MG e suas Dificuldades  
e Potencialidades na Escolarização / Mirne Pereira da Silva. - 2022.  
70 p.

Orientador(a): Marina Battistetti Festozo.

Coorientador(a): Celso Vallin.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de  
Lavras, 2022.

Bibliografia.

1. Educação no Campo. 2. Trabalho. 3. Jovens. I. Festozo,  
Marina Battistetti. II. Vallin, Celso. III. Título.

**MIRNE PEREIRA DA SILVA**

**JOVENS DE UM POVOADO RURAL DO SUL DE MG  
E SUAS DIFICULDADES E POTENCIALIDADES NA ESCOLARIZAÇÃO**

**YOUNG PEOPLE FROM A RURAL VILLAGE IN SOUTHERN MG  
AND THEIR DIFFICULTIES AND POTENTIALITIES IN SCHOOLING**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Ambiental, área de Concentração em Educação Científica e Ambiental, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADO em 20 de dezembro de 2022  
Dra. Marina Battistetti Festozo - UFLA  
Dr. Celso Vallin - UFLA  
Dra. Eliane Vianey de Carvalho - UNILAVRAS

Prof. Dra. Marina Battistetti Festozo  
Orientadora

Prof. Dr. Celso Vallin  
Coorientador

**LAVRAS-MG  
2022**

*À Manuela, minha irmã (in memoriam), que me ensinou a dar meus primeiros passos, quando criança me levava para escola e, mesmo na sua simplicidade, me ensinava as tarefas escolares.*

*À minha esposa Sandra, filhas Sarah e Sâmia, que sempre me apoiaram.*

*Meu agradecimento pleno a DEUS, sem Ele nada seria possível.*

*A meus pais, pela minha existência.*

*Às minhas irmãs e meus cunhados.*

*A todos os amigos que me apoiaram nesta caminhada.*

*Em especial, à minha filha Sarah que sempre me ajudava.*

*Dedico.*

## **Agradecimentos**

À Universidade Federal de Lavras (UFLA) que abriu as portas para que eu pudesse concretizar meu sonho de menino de família pobre, nascido na roça, cuja caminhada foi difícil e hoje realiza meu desejo de ter um título de mestre em uma das melhores universidades do país. A todos os professores do programa ICN envolvidos direta e indiretamente na minha formação nestes dois anos, minha gratidão. E, fazendo uma análise da minha trajetória, sinto-me contemplado pelo amor de Deus em minha vida; o qual, nos momentos difíceis, sempre fez-me acreditar que tudo é possível àquele que crê.

Agradeço a todos os meus amigos, parentes e colegas de curso que estiveram presentes ao longo de minha trajetória em busca deste sonho que se realiza. Para muitos, este feito seria quase impossível; mas, para quem acredita em Deus, tudo é possível, mesmo sendo alguém que saiu da roça ainda muito jovem e sempre teve que trabalhar para se manter, enfrentou várias dificuldades, sendo pai de família e, ainda assim, conseguiu estudar.

Igualmente agradeço àqueles que colaboraram para que isso acontecesse. Retomando minha história de 30 anos atrás, minha gratidão à minha irmã Suely que abriu as portas quando eu mais precisava, à minha irmã Manuela que foi uma segunda mãe para mim e, infelizmente, hoje já não se encontra mais entre nós; faleceu quando fui selecionado para o mestrado em 2019. Meus sinceros agradecimentos à minha esposa Sandra e às minhas filhas Sarah e Sâmia que, nos momentos de dificuldades, sempre estiveram ao meu lado incentivando com palavras e apoio. Aos moradores e aos estudantes do Cajuru do Cervo que me ajudaram através de relatos desenvolver este trabalho.

Agradeço aos meus orientadores, Professores Dr. Celso Vallin e Dra. Marina que não mediam esforços para me ajudar. Mesmo já estando aposentando, o professor Celso sempre me auxiliou muito e conversávamos por horas; Professor, sou grato por ter proposto a mim um projeto tão desafiador, no qual pude descrever onde nasci e falar das minhas origens, das quais tenho muito orgulho. Não poderia deixar de agradecer a professora Dra Eliane com suas sábias palavras de incentivo e vivencia, obrigado pela contribuição. Hoje sinto-me mais à vontade e com mais propriedade para falar sobre a vida de quem vive ali e fez parte da minha infância. Meu muito obrigado pela paciência e respeito que sempre teve comigo; mesmo discordando em alguns momentos, nunca nos faltou o diálogo. Grato ao professor Celso Vallin, levarei para minha vida grandes ensinamentos que tive com você.

Muito obrigado!

## RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo central de conhecer e compreender quais as dificuldades enfrentadas na escolarização de jovens do povoado do Cajuru do Cervo, no Município de Lavras- MG e entorno, bem como as condições que podem colaborar para uma superação. Especificamente buscou-se: (1) Conhecer quais empregos e com quais outros trabalhos e meios de renda as famílias dos estudantes do povoado em estudo sustentam a vida (2) Compreender e investigar histórias de abandono escolar e histórias de sucesso escolar. (3) Identificar os fatores que levam adolescentes do campo a abandonar a escola, de modo a entender e ter pistas sobre como a escola pode hoje formar e preparar jovens com opções de vida possíveis para o meio rural. (4) Investigar o papel da família na vida escolar de jovens. (5) Saber o que há de diferente em relação ao meio urbano, nas condições de vida, na conjuntura social, no meio rural do povoado, que colabore para a compreensão e explicação do agravamento das dificuldades e exclusão escolar. Realizou-se uma pesquisa de campo, através de entrevistas semiestruturadas com 20 pessoas, estudantes e não estudantes com idades entre 15 e 30 anos. As questões postas tomaram por base algumas hipóteses que foram levantadas sobre os problemas que levam jovens a abandonar a escola, procurando entender quais razões podem colaborar para que estudem mais e melhor. Após serem analisadas as respostas dos participantes, foi possível confirmar que existem neste povoado alguns fatores que dificultam a permanência de jovens na escola, como por exemplo a distância para chegarem em escolas de ensino médio e a dificuldade no transporte, estar fora da idade, maternidade, jornada de trabalho incompatível com horário escolar entre outras. Com o desenvolvimento deste trabalho, constatou-se que, é comum que prefiram trabalhar a estudar, e que consideram que a universidade é só para os ricos. Há jovens desmotivados e que se sentem inferiores, acreditam que não são capazes.

**Palavras-chaves:** Educação do Campo. Trabalho. Jovens. Povoado. Estudantes. Abandono.

## ABSTRACT

This work was developed with the central objective of knowing and understanding the difficulties faced in schooling young people in the village of Cajuru do Cervo, in the Municipality of Lavras-MG and surroundings, as well as the conditions that can contribute to overcoming them. Specifically, we sought to: (1) Know which jobs and with which other jobs and means of income the families of students in the village under study support their lives (2) Understand and investigate histories of school dropout and school success stories. (3) Identify the school factors that lead rural adolescents to drop out of school, in order to understand how they can train today and prepare young people with possible life options for the rural environment. (4) Investigate the role of the family in the school life of young people. (5) Knowing what is different in relation to the urban environment, in the living conditions, in the social conjuncture, in the rural area of the village, which contributes to the understanding and explanation of the worsening of difficulties and school exclusion. A field research was carried out, through semi-structured interviews with 20 people, students and non-students aged between 15 and 30 years. As the questions posted were based on the hypotheses that lead to some problems, young people leaving school understand what reasons can contribute to them studying more and better. After being considered as the responses of the participants, it was possible to confirm that there are some factors that make it difficult for the longevity of the people of age in school, such as the distance to get to high schools and difficulty in transport, being out of the maternity ward, work compatible with the student's school schedule, among others. With the development of this work, it is better to study the culture that exists in this village to study than to study, and to study for the rich. There are young people who are unmotivated and who feel inferior, who are not capable.

**Keywords:** Work. Young people. Village. Students. abandonment.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
2.1 Educação do Campo.....	14
2.1.1 Fechamento Das Escolas Rurais .....	17
2.2 Educação rural .....	19
2.3 Dificuldades enfrentadas na escolarização dos jovens do povoado de Cajuru do Cervo ..	20
2.3.1 Percepção sobre o povoado do Cajuru do Cervo .....	23
2.4 Fatores que podem levar jovens ao abandono e a evasão escolar.....	25
2.5 Relação entre escola, professor e aluno.....	28
2.6 Dificuldades para estudar de jovens que vivem no campo.....	29
2.7 Superação à adversidade para quem vive no campo e são pobres.....	31
2.8 Influência da família no desempenho escolar do estudante .....	33
2.8.1 Relatos de uma família pobre que conseguiu estudar suas filhas .....	35
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>39</b>
<b>4 ANÁLISES DO TRABALHO.....</b>	<b>42</b>
4.1 Análise das hipóteses.....	42
4.2 Análise de dados .....	43
4.3 Análises das entrevistas .....	46
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Localizado a aproximadamente 30 km de Lavras, às margens da Rodovia Fernão Dias em direção a São Paulo, o povoado do Cajuru do Cervo tem uma população em torno de 600 habitantes, distribuídos em cerca de 150 famílias, de acordo com dados da Prefeitura Municipal de Lavras-MG (2020) e informação do presidente do povoado por meio do cadastro das famílias que ali residem. Os moradores desse povoado são pequenos agricultores, fazendeiros e trabalhadores temporários; havendo um laço de consanguinidade muito grande entre as pessoas do local, no que eu me incluo, pois foi onde nasci. Atualmente, as atividades laborais das famílias e dos jovens que lá residem são diferentes daquelas que existiam antigamente; hoje, quase não existem atividades ligadas à agricultura e de manejo braçal.

O desenvolvimento industrial e tecnológico chegou e foi substituindo lentamente o modelo tradicional de trabalho das pessoas, pelas máquinas. Isso não foi bom, pois os pequenos agricultores que trabalhavam junto com a família em suas terras, não conseguiram acompanhar a modernização e precisaram abandonar suas atividades; muitos acabaram vendendo suas propriedades para se tornarem empregados em indústrias e outros meios. Essa nova organização produtiva provocou o êxodo dos jovens desse povoado que saíram à procura de trabalhos diversos em outros locais como, por exemplo, em postos de combustível às margens da rodovia, aviário próximo, dentre outros. Mas ainda há pessoas que continuam trabalhando nas terras da família, lutando diariamente para produzir alimentos de qualidade como queijos artesanais, verduras e legumes orgânicos; e há quem trabalhe na cidade, na área de serviços: supermercados, lojas de roupas, casas de materiais de construção e, até mesmo, na construção civil. Essa migração das famílias e dos filhos e filhas para estes setores fizeram o cidadão do campo perder sua identidade local. Um senhor de 85 anos, morador do povoado Cajuru do Cervo, relatou algumas transformações ocorridas ali.

Hoje nois não sabe se mora na cidade ou roça, o modo de vida aqui mudou muito da minha época. Hoje quase todo mundo possui carro, coisa que era difícil antigamente, pois só os fazendeiros mais ricos da região que possuía. O pobre no muito que conseguia era um cavalinho ou uma biciretinha, você lembra disso. A vida não era fácil, nois trabaíava muito pra ganhar pouco, quase ninguém ganhava salário. Hoje as coisas por aqui estão melhor, todo moço é empregado, tem carro ou moto e vive muito diferente daquela época tem emprego de salário. Mas em compensação essa facilidade de hoje, é pouco aproveitada por alguns rapais por aqui. Assim que se forma vai atraís de emprego na cidade. E acaba aprendendo coisa que não presta, envolvendo com bebidas, drogas e até crimes. Hoje também não tem muito no que trabaíá por aqui, todos os fazendeiros têm máquina de tirar leite, trator para fazer plantação, máquina de colher café, hoje quase não existe serviço sem uso de máquinas (MORADOR DO POVOADO, 85 ANOS).

Como citou este senhor, o novo modelo de campo retrata bem as diferenças ocorridas no povoado nestes últimos anos. Recordo-me das dificuldades das pessoas que ali residiam quando eu era criança; não tinham acesso ao básico. Lembro-me claramente que poucas famílias tinham luz elétrica nas casas, moradores pobres usavam lamparina de querosene, ou lampião, e outro artigo de luxo era o fogão a gás, somente os ricos possuíam; a maioria das famílias usava fogão a lenha. Em épocas de chuvas, as dificuldades eram imensas; as casas eram de chão batido e não possuíam banheiro nem água encanada em seu interior.

A partir dos relatos e observações, percebe-se que houve melhorias nas condições de vida do local, muitas delas confirmadas nas falas de outros moradores mais antigos que viveram essas transformações e hoje comentam sobre o quanto elas contribuíram para o conforto de todos, principalmente a energia elétrica e residências com banheiro e água encanada em seus interiores. Atualmente, construções com energia elétrica e água encanada são comuns; mas, antigamente, eram artigo de luxo. Além destes fatores apontados como melhoria neste povoado, foi citada, também, a disponibilidade de transporte para a população; a partir de 2003, uma política pública educacional beneficiou os jovens com o serviço de ônibus que os levavam para estudar na cidade. A implantação do ensino fundamental completo foi outro ponto destacado como melhoria pelas famílias; hoje os seus filhos cursam os nove anos integralmente na escola municipal do Cajuru do Cervo que, antes, só oferecia ensino até a 4ª série. Diferente daquela época, os jovens de hoje do povoado e entorno também têm a oportunidade de cursar, além do ensino fundamental, o ensino médio em escolas na cidade.

Diante dessas observações e considerando que o ensino médio representa o mínimo de uma base para que as pessoas consigam se integrar na sociedade contemporânea, percebe-se a necessidade de conhecer e compreender quais as dificuldades enfrentadas atualmente na escolarização destes jovens do povoado do Cajuru do Cervo e seu entorno. Esta pesquisa também buscou entender quais condições podem colaborar para uma superação, assim como compreender a realidade dos jovens que vivem no campo e avaliar as dificuldades enfrentadas por eles, embora haja jovens moradores do povoado que cursam ou cursaram o ensino superior.

Para algumas famílias em melhores condições econômicas, a disponibilidade de transporte público contribuiu para que seus filhos estudassem na cidade; estes tiveram mais possibilidades de terminar o ensino médio sem a necessidade de ter trabalho fixo para ajudar no sustento da família. Na época em que vivi no povoado, não existia essa possibilidade; só conseguia estudar quem tivesse transporte próprio ou se mudasse para a cidade, sendo raras as

exceções de jovens que conseguiam, como foi o meu caso, filho de pequeno agricultor e com recursos muito limitados para isso. As orientações passadas não eram suficientes e não havia programas do governo que possibilitassem aos jovens da roça estudar na cidade. Naquela época, as famílias achavam que estudar não era coisa para pobre, existia a cultura de que só ricos poderiam estudar e essa visão ainda permanece em algumas famílias, porém, com menor intensidade do que quando eu era criança. Quebrando esse padrão, consegui estudar através de muitas lutas.

Isso só foi possível pelo apoio da minha irmã mais velha que já era casada e morava na cidade. Mesmo assim, havia complicações e não podia me dar ao luxo de apenas estudar; com 13 anos comecei a trabalhar como Office Boy para ter algum rendimento e ajudar nas despesas, pois sabia que os recursos da família eram limitados. Naquele tempo, era permitido trabalhar nessa idade, diferentemente de hoje quando, em alguns casos, estudantes de família de baixa renda conseguem auxílio do governo, o que trouxe melhorias e facilitou a vida desses jovens. Mas indaga-se: as políticas públicas dos governos têm dado bom resultado para a escolarização de quem vive no campo? Somente o transporte público disponibilizado é suficiente para resolver os problemas de escolarização da população rural? Tais questionamentos serão analisados através de hipóteses sobre fatores que dificultam a escolarização dos jovens do campo.

Sendo assim, esta pesquisa tem por objetivo geral: Conhecer e compreender quais as dificuldades enfrentadas na escolarização de jovens do povoado do Cajuru do Cervo, no Município de Lavras- MG e entorno, e quais condições podem colaborar para uma superação. Especificamente buscamos: (1) conhecer quais empregos e com quais outros trabalhos e meios de renda as famílias dos estudantes do povoado em estudo se sustentam, (2) investigar histórias de abandono escolar e entender os fatores que colaboraram para isso, e as diferenças do meio urbano e rural na escolarização, (3) compreender e investigar histórias de sucesso escolar, (4) Investigar o papel da família na vida escolar destes jovens, (5) O que há de diferente, comparando com o meio urbano, nas condições de vida, na conjuntura social e no meio rural do povoado que colabore para a compreensão e explicação do agravamento das dificuldades e exclusão escolar?

Partiremos de algumas hipóteses que serão usadas como linhas de investigação; são elas: (1) que o transporte gratuito oferecido aos jovens do campo não foi suficiente ou adequado, (2) a necessidade de trabalhar inviabiliza a participação às aulas, (3) a maternidade precoce dificulta os estudos (4) falta o apoio familiar, (5) o currículo é inadequado e causa reprovações, distorção de idade e série, abandono (6) uso de drogas causa abandono escolar.

Para investigar essas hipóteses foi realizada uma pesquisa qualitativa com vinte (20) moradores, estudantes e ex-estudantes, entre 15 e 30 anos do povoado do Cajuru do Cervo e seu entorno. Já tendo conhecimento de quem seria o público, as entrevistas foram semiestruturadas; foram realizados sete encontros com os entrevistados em local próximo a uma igreja e quadra da escola, outras foram feitas em locais de trabalho e nas casas dos entrevistados. As entrevistas foram feitas por mim, já conhecido pela população, e isso facilitou a abertura e coleta das informações.

Este trabalho iniciou-se em junho de 2020 e, devido à pandemia não foi possível efetivar algumas visitas que estavam programadas, como ir à escola, mas isso não impediu que a pesquisa fosse realizada. As entrevistas com os moradores foram aplicadas observando o protocolo de segurança da COVID-19, mantendo a utilização de máscaras, álcool em gel e distanciamento de 1,5 metros. Os dados obtidos eram anotados em um caderno de campo e, em seguida, transcritos para o documento. Em alguns momentos foi feita gravação de áudio; isso facilitou o entendimento.

O desenvolvimento do texto abordou, inicialmente, conceitos de educação do campo e, em seguida, o fechamento de escolas que vem ocorrendo em todo Brasil, principalmente nas áreas rurais; logo após, foram apontadas as dificuldades enfrentadas pelos jovens moradores das zonas rurais, a influência da família na escolarização e a superação às adversidades.

Este trabalho possibilitou conhecer as dificuldades dos estudantes que vivem no campo, identificou-se alguns fatores que podem intervir na autoestima e suas capacidades para lidar com a vida, especialmente aqueles cuja família não dispõe de recurso que seja favorável para que os filhos estudem. Ao final confirmou-se as hipóteses levantadas de que a distância, a maternidade e outros fatores como a pandemia que fez muitos estudantes desistirem de estudar, alguns por necessidade de trabalhar, outros por não ter acesso à tecnologia, contribuíram para a evasão escolar. No entanto, são vários os fatores que fazem com que jovens tenham dificuldades de permanecer na escola e eles não se restringem apenas a jovens do campo; a escolarização é um problema social e real que atinge pessoas vulneráveis num país tão desigual, onde as oportunidades não são para todos. Assim sendo, é necessária uma nova estratégia na tentativa de minimizar os problemas e dificuldades de escolarização dos jovens, tanto do campo quanto da cidade.

**Objetivo geral**

Conhecer e compreender quais as dificuldades enfrentadas na escolarização de jovens do povoado do Cajuru do Cervo, no Município de Lavras- MG e entorno, e quais condições podem colaborar para uma superação.

**Objetivos específicos**

Para atender o objetivo geral foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Conhecer os empregos e outros trabalhos e meios de renda das famílias dos estudantes do povoado e como isso influencia as suas vidas.
- 2) Compreender e investigar histórias de abandono escolar e histórias de sucesso escolar.
- 3) Identificar os fatores que levam adolescentes do campo a abandonar a escola, de modo a entender e ter informações sobre como a escola pode, hoje, formar e preparar jovens com opções de vida possíveis para o meio rural.
- 4) Investigar o papel da família na vida escolar destes jovens.
- 5) O que há de diferente, comparando com o meio urbano, nas condições de vida, na conjuntura social e no meio rural do povoado que colabore para a compreensão e explicação do agravamento das dificuldades e exclusão escolar?

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Educação do Campo

Nas escolas situadas no meio rural, embora em grande parte delas encontraremos uma educação como a da cidade, mas em condições de trabalho piores e mais difíceis, existem pelo Brasil e em Minas Gerais algumas que são diferentes. Elas são ligadas a movimentos sociais como MST e chamam sua pedagogia e seu currículo de Educação do Campo, que não é o mesmo que educação no campo; há diferença entre elas e as pessoas chegam a confundir, até mesmo educadores que não conhecem essa modalidade de educação presente em vários locais como: populações ribeirinhas, caiçaras e extrativistas.

A Educação do campo surgiu em um determinado momento e contexto histórico e não pode ser compreendida em si mesma, ou apenas desde o mundo da educação ou desde os parâmetros teóricos da Pedagogia (CALDART, 2009, p. 40). Inicialmente é preciso considerar que, lá pelos anos 1997, começou um movimento popular por uma Educação do Campo. Com essa expressão buscaram ressignificar a educação no meio rural, pensando numa educação que fosse diferente da que sempre existiu no meio rural e na urbanidade. Uma ideia de base foi fortalecer as pessoas do campo para mudar as situações de opressão em que historicamente se encontram as populações interioranas, sertanejas, caipiras, ribeirinhas, caiçaras, da floresta, quilombolas, indígenas e outras. Desde aqueles anos, a intenção desse movimento tem sido discutir e construir uma escola que forme para uma situação de soberania popular, para uma vida produtiva e com acesso ao bem-estar social. A intenção é criar condições para que as pessoas comuns do meio rural não sejam mais reféns da exploração do capitalismo e do agronegócio nacional e internacional.

A Educação do Campo se propõe valorizar a diversidade abarcada nas áreas rurais, respeitando as particularidades locais e regionais, valorizando os saberes e as culturas de quem vive no meio rural. Como conceito da formação humana, a Educação do Campo, sem se descolar do movimento específico da realidade que a produziu, já pode configurar-se como uma categoria de análise da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo (CALDART, 2012). Hoje há vários trabalhos e informações sobre a Educação do Campo que possibilitam uma melhor compreensão sobre qual seu papel. É importante que se perceba que, para a classe dominante não é interessante ter no meio rural uma escola de qualidade, que forme pessoas críticas. Essas diferenças e deficiências que ainda existem, são apontadas como vemos a seguir:

Apesar de os dados da educação do campo ser reconfigurados em função das lutas, ainda permanecem deficiências grandes, tais como a falta de atendimento no âmbito da educação infantil, do segundo segmento do ensino fundamental, do ensino médio e do ensino superior, além das modalidades de EJA e educação especial (OLIVEIRA; CAMPOS, 2012, p.242).

De acordo com Caldart (2012) o movimento pela Educação do Campo vem fazendo lutas por políticas públicas e pelo direito à educação, especialmente na escola, e a uma educação que seja no e do campo, capaz de transformar o meio onde vivem. Caldart (2009, p. 54) afirma “Os protagonistas do processo de criação da Educação do Campo são os movimentos sociais através de luta pela reforma agrária e particularmente o MST”. Haja vista que a Educação do Campo incomoda os Proprietários do agronegócio, os quais pensam em lucros e preferem o povo alienado, enquanto o modelo de Educação do Campo propõe emancipação, diálogos, respeito e dignidade para os camponeses.

O Campo não pode se subordinar aos interesses dos negócios de grandes corporações, enquanto os pequenos agricultores perdem suas condições de vida e a viabilidade de suas pequenas propriedades. A lógica do agronegócio inviabiliza o trabalho do pequeno agricultor que acaba vendendo sua terra e migra para a cidade em busca de empregos ou alternativas como meio de sobrevivência.

Caldart (2009, p .43) cita “a educação é mais do que escola [...] vinculando-se a lutas sociais por uma humanização mais plena: luta pela terra, pelo trabalho, cultura e à sua produção, participação política, pela defesa do meio ambiente”. Portanto, a educação é um processo contínuo que engloba valores morais importantes para a sociedade, enquanto escola é um local físico onde acontecem trocas de conhecimento.

Caldart (2012, p.8) menciona que, “Os estudantes deveriam se envolver em ações concretas de trabalho social que pudessem, ao mesmo tempo, servir de base para um trabalho rigoroso da escola com o conhecimento, e ajudar a enfrentar os problemas que vivenciavam com seus pais”. O trabalho citado pela autora é um conjunto de atividades que tem objetivos para melhorar o meio que os estudantes vivem. Haddad (2012) afirma: “a educação é um elemento fundamental para a realização dessas características” na sociedade moderna; o conhecimento é uma condição de sobrevivência assim como acontecia desde o início das civilizações. Frigotto (2012) ressalta a importância do desenvolvimento solidário das condições materiais e sociais e o cuidado coletivo na preservação das bases da vida, ampliando o conhecimento, a ciência e a tecnologia não como forças destrutivas e formas de dominação; o trabalho para o homem deve ser visto como forma de reprodução. O mesmo

autor fala da relação do ser humano; como um ser da natureza, ele necessita apropriar-se desta mesma natureza ou produzir bens que satisfaçam suas necessidades vitais. Essas necessidades vitais incluem trabalho e educação, que são essenciais para a vida em sociedade com qualidade e respeito ao ambiente.

Diferente do que muitos acreditam, a educação não pode estar voltada apenas a uma casta da sociedade; todos deveriam ter acesso a uma educação de qualidade e transformadora. Caldart (2009) afirma que a escola deve estar em todos os lugares, em todos os tempos da vida, para todas as pessoas, não somente para a elite. Existem no campo, pessoas que desenvolvem belíssimos trabalhos culturais e ambientais que não são reconhecidos, como por exemplo, aqueles que tocam viola caipira, escrevem textos sobre a natureza através de sua vivência e não são reconhecidos; há pouco espaço para estes, principalmente no ambiente escolar. Entretanto, ter uma escola de qualidade no campo é importante para que jovens e adultos saibam relacionar com o mundo e exercer a cidadania plena para que tenham o direito à igualdade de usufruir da tecnologia como internet de qualidade e biblioteca com bons livros; isso é um direito que deveria estar disponível para todos, mas a realidade é outra. De acordo com Castro e Pereira (2021), o acesso às instituições de ensino e a qualidade do serviço não são uniformes no território brasileiro. Como observado, mesmo dentro de um mesmo município existem grandes desigualdades na educação. Os mesmos autores afirmam que a condição da escola rural ainda é precária em relação às escolas urbanas. Os investimentos feitos nas escolas rurais deixaram de ser um dever do Estado; as quais, atualmente, são organizadas pelas prefeituras.

O meio urbano responde por 88,9% dos estudantes brasileiros de 2019, ficando o meio rural com 11,1%. A população brasileira em idade escolar (quatro a dezessete anos) em 2015, segundo a PNAD, foi de menos de 44 milhões de pessoas, divididas em, aproximadamente, 80% nas cidades e 20% no campo. (CASTRO; PEREIRA, 2021, p.30)

Castro e Pereira (2012) mostram dados do censo agropecuário de 2006 onde 30% dos trabalhadores rurais são analfabetos e 80% não chegou a concluir o ensino médio. Percebam que, ainda hoje, os problemas sobre escolarização no campo continuam e esses dados apontam a necessidade de políticas públicas para trabalhadores, filhos de pequenos agricultores e famílias que vivem no campo.

Em escolas rurais o planejamento é o mesmo de uma escola urbana e este modelo não valoriza os saberes e conhecimentos advindos do campo. Nas escolas rurais, grande parte dos professores são das cidades, não conhecem a realidade dos alunos/as. Segundo Rios (2013) o modelo de ensino rural é baseado no modelo urbano, não enfatiza a construção conjunta do

saber legítimo mediante interação com os saberes dos alunos e alunas do campo. Os saberes destes podem contribuir muito nas aulas de ciências, matemática e geografia entre outras.

Nessa perspectiva, os sujeitos do campo, na maioria das vezes, rotulados como passivos e atrasados pela história oficial brasileira, não são vistos como sujeitos históricos com capacidade de intervenção social. São considerados como capazes de ir contra ao projeto dominante que afirma o campo apenas como espaço de produtividade e no qual a eficiência está ligada ao modelo de agricultura capitalista que, no Brasil, atualmente, combina latifúndio e agronegócio (MARTINS; 2013, p. 213 e 214)

O campo precisa estar articulado com o meio urbano. Não se pode ter a visão de que quem vive no campo é desprovido de conhecimentos e inferior como usualmente se considera. As escolas precisam fornecer infraestrutura e meios para que o aprendizado seja o mais adequado possível para os alunos tanto do campo quanto da cidade (CASTRO; PEREIRA, 2021, p.7). É necessário um modelo de educação que atenda à necessidade dos que ali vivem; na realidade, o que vemos são jovens do campo sendo levados a estudar na cidade quando, o ideal, seria existir uma escola perto de sua casa.

### **2.1.1 Fechamento Das Escolas Rurais**

Os governantes atuais têm tratado com descaso o meio rural, principalmente no que diz respeito à educação. De acordo com Castro e Pereira (2021), o meio rural ainda padece com os piores indicadores; não somente na educação, mas também em outras variáveis sociais. Mesmo com a aplicação de políticas públicas durante os últimos 20 anos, os esforços não foram suficientes para melhorar a situação do campo e, conforme apontam alguns estudos, o fechamento de milhares de escolas rurais em todo o Brasil está se tornando corriqueiro. Em 2011 o Movimento Sem Terra (MST) realizou uma campanha nacional contra o fechamento das escolas do campo. Na ocasião foi denunciado que mais de 24 mil escolas foram fechadas no meio rural entre 2002 e 2010 (BRASIL DE FATO, 2019). Diante desta situação, o MST lançou a “campanha fechar escola é crime”; no entanto, não surtiu o efeito esperado e, mesmo com lei aprovada (98/2013), os fechamentos continuaram.

A matéria do Brasil de Fato (2019), publicada por Paulo Alentejano e Tassia Cordeiro, constatou através de dados Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) que no período entre 1997 e 2018 foram fechadas milhares de escolas no meio rural brasileiro, indicando que os fechamentos continuaram. Esses dados são assustadores e mostram o desinteresse político da educação voltada para o campo, visto que no período de 2010 a 2018 aumentou o número de escolas fechadas no campo como mostrou a reportagem. Andrade et al (2020) afirmam

que, ao retirar escolas das zonas rurais, os moradores deixam de ter acesso a uma educação atrelada a seus hábitos, práticas e compatível com a sua própria luta e emancipação.

E essa desconstrução continuou. Segundo Oliveira (2018), na reportagem Brasil de fato, o Governo de Minas Gerais fechou uma escola de campo no município de Campo do Meio, no Quilombo Campo Grande, onde não houve diálogos com os moradores locais, havendo ações violentas contra os moradores deste acampamento. Nessa reportagem mostrou que houve escola destruída onde havia estudante com 70 anos de idade; além do ensino básico, a escola tinha uma parceria com Instituto Federal do Sul de Minas, Campus de Machado, que oferecia curso de extensão na área de agroecologia preparando trabalhadores e formando pessoas que respeitam o meio ambiente. Mas, esse modelo de escola, não é favorável para um governo que quer manter o povo alienado e dependente de um sistema dominador. De acordo com Andrade et al (2020), o fechamento das escolas do campo, de uma maneira geral, coloca em voga contextos e cenários muito mais amplos, já que o campo precede a educação formal, ganhando enorme centralidade no debate. Percebe-se que, quanto menos escolas rurais existem, maiores são as dificuldades de os estudantes do campo avançarem na sua formação; mesmo havendo transporte público, nem todos eles têm condições de ir à escola. Na reportagem da página Rede Brasil Atual sobre o fechamento das escolas rurais e publicada em (2017), o Professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Luiz Bezerra afirma que “sem escola perto de casa, a tendência é o aluno abandonar os estudos e ficar em desvantagem de oportunidades no campo ou na cidade”. O dirigente do MST Carlos Roberto da Silva, o Beto, considera que o que se vê no atual momento é que há um desprezo dos governantes pela educação pública destinada aos filhos da classe trabalhadora, seja do campo ou da cidade. Para o professor da UFSCar, o fechamento de escolas rurais significa expulsar as famílias de suas terras sem dar-lhes direito de escolha, sendo forçados a seguirem outros caminhos.

A realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja no e do campo, os movimentos sociais interrogam a sociedade brasileira: por que em nossa formação social os camponeses não precisam ter acesso à escola e a propalada universalização da educação básica não inclui os trabalhadores do campo? (CALDART; 2012, p. 261).

Neto (2010) cita que, se entendermos que o processo educacional deva ocorrer no local em que as pessoas residem, devemos falar de uma educação no campo e, com isso, aumentar a possibilidade de se ter uma educação específica para o campo. A visão atual que

muitos têm do campo é de um estaleiro de máquinas e ausência de pessoas; este ambiente tem se tornado lugar de negócios, não de educação.

## **2.2 Educação rural**

A educação rural foi elaborada para atender às necessidades do sistema dominador capitalista. Para Ribeiro (2012), esse tipo de educação não considera os saberes decorrentes do trabalho dos agricultores; seu objetivo é ensinar o manejo de instrumentos, técnicas e insumos agrícolas voltado para o mercado de trabalho. Com isso, o conhecimento adquirido por várias gerações é suprimido e cede lugar ao modelo imposto pelo agronegócio. Souza (2008) afirma que a concepção de educação rural expressa a ideologia governamental do início do século XX, e a preocupação com o ensino técnico no meio rural causou desigualdade; esse tipo de educação não atentava para a cultura e costumes do homem do campo. Isso significa dizer que a educação voltada para as pessoas do campo não atende as necessidades de quem vive no campo. Para Alves e Nascimento (2017), o formato pedagógico acionado nas escolas do campo não atende de fato aos interesses e às peculiaridades dessa modalidade de educação. O que predomina é o modelo capitalista com o apoio massivo das políticas governamentais voltadas a ele. Diante deste contexto, o campo deixa de ser um lugar de vida, construção de trabalho e passa a ser, principalmente, meio de negócios para poucos.

Andrade et al (2020) falam de um campo que está altamente mecanizado, esvaziado de gente e lotado de máquinas; um campo que não prioriza a produção de alimentos de qualidade, local em que não há preocupação em cuidar do meio ambiente. De acordo com Silva (2007), o modelo econômico vigente tem deixado o pequeno agricultor cada vez mais pobre; com isso, as famílias vendem suas pequenas propriedades para ir em busca de melhores empregos nas cidades como já citado anteriormente. Essa migração da família do campo para a cidade afeta a vida dos jovens que desejam ter uma educação voltada para suas perspectivas de vida no campo. Muitas destas famílias chegam às cidades sem uma formação e vão trabalhar em empresas que não oferecem as melhores condições de trabalho. De acordo com Oliveira, Campos (2012 p.243), “são negados a estes jovens do campo [...] o direito de pensar o mundo a partir de onde vivem e de sua realidade, além de subtrair lhes um tempo que poderia ser o tempo de ser jovem. O não reconhecimento da adolescência e juventude no/do é histórico”.

Sabemos que a educação é a prerrogativa que todas as pessoas podem exigir do Estado por mais escolas abertas, e não fechadas, como acontece. Há uma falsa ideia que pessoas do campo querem estudar na cidade, mas em nenhum momento são ouvidos, simplesmente

conduzidos, não dando aos jovens do campo o direito de expressar sua opinião sobre a mudança e hábitos que podem ser comprometedores para seu futuro.

### **2.3 Dificuldades enfrentadas na escolarização dos jovens do povoado de Cajuru do Cervo**

No povoado do Cajuru do Cervo, no município de Lavras MG, foram observadas as dificuldades que alguns jovens encontram para estudar. Essas dificuldades podem estar relacionadas em: conciliar trabalho e escola, distância da escola, distorção da idade e ano, reprovação, maternidade e poder aquisitivo da família.

A questão central recai sobre os jovens oriundos de camadas sociais mais pobres, para os quais o ensino médio não faz parte de seu capital cultural e sua experiência familiar, onde esses jovens nem sempre são cobrados por não darem continuidade aos estudos. Para esses jovens, a realização dos objetivos modernos e democráticos da educação é limitada pelos empecilhos impostos por suas origens sociais, aliados às desigualdades de oportunidades. O ensino médio praticamente não faz parte de seu capital cultural nem de sua experiência familiar, muitas vezes não havendo cobranças ou grandes expectativas de que realizem longa trajetória educacional (CASTRO; TAVARES JR., 2016 p. 242).

Além do fator cultural citado por Castro e Tavares Jr., o modelo de ensino pode ser um fator que gera dificuldades. Eu, enquanto professor de escola pública, já percebi que há estudantes que não conseguem acompanhar o que é explicado em aula e, quando isso acontece, há um desinteresse natural. Para alunos das zonas rurais existe uma tolerância de chegada de trinta minutos no início da aula e de saída antecipada de 20 minutos ao seu término. Com isso, normalmente eles perdem todos os dias o equivalente a uma aula e não existem estratégias de reposição ou complementação do que é perdido. Além dessa perda, outros estudantes também citam como uma dificuldade o trajeto de cerca de 60 km percorrido diariamente até a escola, visto que o ônibus precisa passar em vários povoados recolhendo estudantes para, depois, seguir até a cidade. Trabalhei por algum tempo com alunos da zona rural e, realmente, muitos dormem durante as aulas devido terem que acordar muito cedo para serem conduzidos à escola. Estes são alguns dos desafios enfrentados pelos estudantes que vivem no campo e almejam melhorar sua condição social. Menezes (2016, p. 62) retrata em seu trabalho que “os jovens se deparam com incertezas e já não podem ter um rumo fixo ou predeterminado, acima de tudo os mais pobres, desprovidos de recursos suficientes para aumentar suas margens de escolhas”. Estas dificuldades não são restritas apenas a alunos da zona rural; vejo que estão presentes para quem tem menos recursos financeiros.

Há outros fatores além da distância da escola. É preciso entender a escola enquanto instituição pública que tem um papel fundamental na vida dos jovens. De acordo com Castro e Tavares Jr. (2016) muitos jovens entre 15 e 17 anos estão fora da escola; realidade comum entre os mais pobres. Para Menezes (2016), os mais pobres e os moradores de zonas rurais distantes dos centros urbanos, os quais não dispõem de recursos financeiros suficientes para contratar preceptores ou professores particulares, muitos nem são alfabetizados. O fato desses jovens estarem fora da escola evidencia que a própria escola pode ter perdido o interesse por não proporcionar o conhecimento passível de ser aplicado ao seu cotidiano.

Menezes (2016, p. 83 e 84) fala da perda da importância da influência dos fatores sociais sobre os trajetos de vida e indica que a situação dos jovens e os seus projetos continuam a ser influenciados pela origem social da família, pelo desempenho acadêmico, gênero e local de residência. Os determinantes sociais das oportunidades individuais continuam a operar; mas, agora, sobre uma variedade de configurações individualizadas.

A pouca escolarização priva esses jovens de conhecimentos que viabilizem o desenvolvimento de seus projetos de vida e garantam sua independência; muitos creem que não são capazes de cursar uma faculdade e se julgam incapazes de melhorar o meio onde vivem, além de não reconhecerem seus direitos e exercerem a cidadania de modo efetivo como cidadãos e cidadãs críticos perante a sociedade. Caldart (2015, p.5) diz que “este desafio formativo posto à escola, mas não só a ela ou a ela isoladamente, supõe construir no percurso de trabalho com as novas gerações uma visão de mundo e uma forma de participar de sua construção, que inclui várias dimensões”.

Embora o Brasil tenha experimentado uma mobilidade educacional expressiva nas últimas décadas, com sucessivas gerações mais jovens mais escolarizadas que seus pais, ainda há uma preservação significativa de desigualdades, tanto vertical quanto horizontal (TAVARES JR, 2007 apud CASTRO ET AL, 2016). No povoado do Cajuru do Cervo, um rapaz de 22 anos mencionou o desejo de retomar os estudos, mas sabe dos grandes desafios pela frente tais como horário de trabalho, distância da escola, falta de transporte, dentre outros. Este problema de dificuldade de escolarização não está presente somente nas zonas rurais e não é específico deste povoado. Dados do Panorama da Educação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP; 2020) apontam os seguintes indicadores sobre a educação: do total de estudantes, 83,3% dos alunos do Ensino Médio estudam no período diurno e 16,7% no período noturno. A expressiva maioria, 94,8%, frequentam escolas urbanas. Castro (2012, p.77) mostrou em seus estudos através do Censo Demográfico de 2010 que o grande desafio é a cobertura do ensino médio entre jovens de 15 a

17 anos. Nesta faixa etária, 83,3% frequentam a escola, mas apenas 50,9% concluem esta etapa da escolarização. Auriglietti (2014), em seu trabalho sobre EVASÃO E ABANDONO ESCOLAR, afirma que, segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância UNICEF (2014), “existem no Brasil cerca de 21 milhões de adolescentes, com idade entre 12 e 17 anos, sendo que de cada 100 estudantes que entram no Ensino Fundamental apenas 59 terminam o 9º ano”. Para Alves e Nascimento (2017, p.33), a evasão escolar contribui efetivamente para a elevação da pobreza e baixa da qualidade de vida das pessoas, na medida em que ficam sujeitas a condições precárias no mercado de trabalho devido à baixa escolaridade.

Com base nestes dados é possível entender que as limitações das vagas noturnas dificultam o acesso para jovens que trabalham durante o dia e desejam estudar à noite. Para quem tem mais de 18 anos é mais árduo voltar a estudar; nas escolas regulares em que trabalhei, não eram acolhidos estudantes fora da faixa etária. A opção seria matricular na Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de ensino destinada ao público com defasagem que não concluíram o ensino fundamental e médio, e que é oferecida geralmente no período noturno, justamente para contemplar estudantes casados e trabalhadores de todas as idades. Para aqueles que vivem nas zonas rurais, essas possibilidades são remotas; já para quem vive na cidade, as possibilidades de terminar o ensino fundamental e médio são maiores. De acordo com Castro e Pereira (2021), esse problema possui um viés discriminatório com o homem do campo, não dando a este os devidos valores. Para Menezes (2016, p.94) a educação não contempla áreas rurais, tais propostas ainda não foram efetivadas e há personagens da vida real desprovidos de instrução, embora esta verificação não se restrinja somente a esse espaço.

Camini (1998, p. 37) cita que “o descaso com a educação no meio rural tem levado a uma compreensão cujo lugar de quem estuda é na cidade e que, para continuar no campo, os trabalhadores não necessitam de estudos”. Logo, o desejo dos que moram no campo e querem voltar estudar, se torna distante. As políticas educacionais permanecem absolutamente insuficientes para reverter as consequências perversas das condições de desigualdades em que vive a população brasileira, dada a baixa qualidade da educação e a distribuição desigual dos insumos educacionais previstos nas políticas públicas. (HADDAD; 2012, p.222). Assim sendo, esse pode ser um dos fatores que contribui para que os jovens que ali residem desistam ou abandonem a escola. De acordo com Silva (2007), essas percepções são exemplos de como as juventudes rurais são fragilizadas em nossa sociedade e invisíveis ao sistema educacional.

Silva e Feitosa (2013) afirmam que a invisibilidade do jovem do campo ainda não foi rompida totalmente e isso se configura como um dos maiores entraves na aquisição de

direitos. Essa invisibilidade é um problema social que está presente tanto para quem vive na roça quanto para aqueles que vivem na cidade e são pobres. O acesso à escola para jovens urbanos, mesmo os mais pobres, é maior que para os da roça. Oliveira e Santos (2008) citam a sonegação da educação à população do campo desde os primórdios da nossa história e persiste até os dias de hoje. Conheço vários jovens sem acesso à educação por morarem no campo; em certos casos, estes não terminaram o ensino fundamental e já assumem a responsabilidade de sustento da família. Conversando com estas pessoas, percebe-se que alguns desejam voltar a estudar, mas as condições financeiras e a idade dificultam seu retorno. Há aqueles que já admitem ser impossível e assumem uma responsabilidade de culpa por não ter aproveitado a oportunidade quando ainda não eram pais de família.

Para Silva (2007) os jovens rurais brasileiros são privados do direito à cidadania. Os desafios para quem vive no campo são muitos e as políticas públicas não garantem a eles o direito social e valorização; são tratados como seres invisíveis. Santos e Nogueira (2009 p.51) trazem dados assustadores sobre a educação e afirmam que “há entre adolescentes mais pobres uma defasagem de três anos, considerando entre idade e série há mais de um milhão de analfabetos”. A exemplo da invisibilidade, a alta defasagem escolar também não é um problema só de jovens das zonas rurais; é um problema crônico do Brasil e percebe-se que as dificuldades de escolarização atingem igualmente os mais pobres. Castro e Tavares Junior (2016) falam das características socioeconômicas mensuráveis, as quais proporcionam aos indivíduos um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis como moradia, escolas e empregos; as oportunidades para quem estuda mais pode estar relacionada as condições financeiras. Castro (2012, p.76) fala sobre as desigualdades e afirma que os subsídios públicos para a educação não estão focados essencialmente nas famílias com maior necessidade e que este modelo universal de educação favorece aqueles que já possuem certa posição social de vantagem.

### **2.3.1 Percepção sobre o povoado do Cajuru do Cervo**

A cidade de Lavras está localizada na região Sul de Minas Gerais e é conhecida como a cidade dos Ipês e das Escolas. Tem uma população estimada de 104.783 pessoas conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE; 2020), seu município se estende por 564,7 km<sup>2</sup> e, no último censo, contava com 103.773 habitantes, sendo sua densidade demográfica de 183,8 habitantes por km<sup>2</sup>. Faz limites com os municípios de Ribeirão Vermelho, Itumirim, Nepomuceno e Ijaci. As zonas rurais de Lavras, assim como a

grande maioria de Minas Gerais, não têm escola de nível médio e os jovens que terminam o ensino fundamental precisam dar continuidade aos estudos na cidade; porém, nem todos conseguem prosseguir com sua formação. Segundo dados do INEP (2020), a distorção idade-série de alunos que cursam uma série quando, em tese, deveriam ter cursado em outra idade, acaba levando estudantes a desistirem dos estudos e este, certamente, pode ser mais um fator que impede os jovens concluírem o ensino médio. A prefeitura Municipal de Lavras, em parceria com o Governo Federal, disponibiliza o transporte para os estudantes da área rural; mas, mesmo assim, muitos jovens desistem de continuar os estudos na cidade.

A cidade de Lavras possui oito Escolas Estaduais que oferecem Ensino Médio regular e, segundo dados do Censo Escolar 2020, nestas escolas estão matriculados 2576 estudantes, incluindo alunos das zonas rurais que são a minoria. Os dados apresentados revelam que no 3º ano há um menor número de matrículas quando comparado aos 1º e 2º anos. É provável que isso ocorra devido a fatores como repetência, evasão escolar, migrações, distorção de idade, trabalho, dentre outros.

Apesar de os direitos serem garantidos, a acessibilidade ao ensino público está distante de ser alcançada e isso gera um desequilíbrio de oportunidades entre o jovem do campo e o da cidade. De acordo com Alves e Nascimento (2017, p.37) houve avanços das políticas públicas e expansão da oferta do ensino público gratuito, tanto no meio urbano quanto no rural, como a criação dos institutos técnicos federais, a disponibilização de transporte escolar, alimentação, material didático, dentre outras que visam mitigar a evasão escolar; contudo, ainda não são suficientes e não atendem a todos. Segundo professor Paulo Alentejano e Tássia Cordeiro em matéria publicada no Jornal MST em 2019, a taxa de analfabetismo no campo era de 17,7% contra 5,2% nas cidades e a escolaridade média era de 8,7 anos no campo e 11,6 nas cidades conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (PNAD, 2017).

Essa realidade só poderá ser transformada e melhorada a partir de muita luta e organização de pessoas realmente comprometidas com os menos favorecidos e queiram mudar esse histórico secular de descaso com o ensino. A educação é direito de todos os cidadãos e dever do Estado e é inegável que teve avanços nas últimas décadas visto que a população rural de hoje estuda bem mais do que antes; porém, este avanço não foi pleno, há muito a ser conquistado como, por exemplo, uma educação voltada para realidade de quem vive no campo. Para Alves e Nascimento (2017), nem sempre o formato pedagógico acionado nas escolas no campo atende, de fato, aos interesses e às peculiaridades dessa modalidade de educação; “ela não significou o reconhecimento das especificidades” (MARQUES; 2010, p.

47) e a concepção de currículo implantada nas escolas não favorece a vida dos estudantes rurais. Enfim, esta é a luta pela Educação do Campo.

#### **2.4 Fatores que podem levar jovens ao abandono e a evasão escolar**

É comum ouvir conversas entre jovens dizendo que preferem trabalhar; mas há também aqueles e aquelas que desejam estudar, embora alguns sejam impossibilitados devido às condições que eles mesmos relatam. Mas o que impede que uns estudem e outros não? Para Menezes (2016) nota-se a vontade de alguns em melhorar de vida e sair em busca de oportunidade de trabalho, sendo a escola que oferece o ensino médio, o passaporte dessa mobilidade. Já Santos e Nogueira (2009) afirmam que o fracasso escolar está diretamente ligado à baixa qualidade da educação aliada à necessidade de os jovens trabalharem para ajudar a família. Quando se fala em trabalho deve ser analisado qual tipo de trabalho, pois sabemos que ele é essencial para viver em sociedade. O importante é entender o tipo de trabalho que é oferecido a estudantes.

Existem programas como o menor aprendiz criado pelo governo federal em 2000 que tem por objetivo formar e ajudar jovens a entrarem no mercado de trabalho; mas, para estudantes que vivem no campo, essa possibilidade é remota e o seu aprendizado laboral acontece no seu próprio cotidiano. Outros fatores relacionados à evasão e abandono escolar podem ser a maternidade-paternidade, reprovação, distorção de idade, envolvimento com drogas e outros. De acordo com Haddad (2012), a distorção idade/série gera atraso na escolarização e outro fator apontado por Brito (2017) da Agência Senado é a gravidez precoce que pode ocasionar sérias consequências para a vida das mães e dos bebês, vez que esse tipo de gestação desencadeia conflitos psicológicos e sociais que afetam toda família e, certamente, podem contribuir para que jovens mães abandonem a escola e dificilmente retomem os estudos.

Conheci um casal de jovens que abandonou a escola após a moça engravidar. O rapaz conta que, em 2014, estava no 2º ano do Ensino Médio e pretendia fazer faculdade; mas, devido à gravidez da namorada, viu seus projetos tomarem outras direções. Ele afirma que o abandono dos estudos se deu pelo fato de ter de trabalhar para sustentar a criança, suas famílias não teriam condições de mantê-los. Em seu relato, ele afirmou que estava prestes a completar 18 anos, sua namorada estava com 16 anos e cursava 1º ano do ensino médio na mesma escola em Lavras MG. Ela nos contou que, quando constatou que podia estar grávida, viu seu mundo desabar; não tinha nenhuma preparação psicológica para enfrentar a situação.

De acordo com dados do Ministério da Saúde brasileiro, 66% das gestações em adolescentes são indesejadas, o que sugere que ocorram, principalmente, sob condições de desinformação, falta de apoio de familiares e redes comunitárias.

A jovem relatou que, no primeiro momento, pensou em esconder a gravidez pois não sabia qual seria a reação da família já que os pais são muito envolvidos com a igreja católica e, mesmo sabendo que não teria a aprovação pelo acontecido e não tendo alternativa, o casal tomou a decisão de contar para os pais. Ela nos disse que inicialmente a família ficou muito chateada; mas, após o nascimento da criança, decidiram morar juntos mediante autorização da família. Ambos abandonaram os estudos e passaram a dedicar a cuidar da família; hoje são pais de quatro filhos, ele trabalha de frentista em um posto de gasolina enquanto ela cuida da casa e dos filhos. A rotina de trabalho e os horários alternados impede que ele retome os estudos; embora queira voltar a estudar, as dificuldades da rotina de pai de família e morador do campo sobrepujam o seu desejo.

Esse não é um acontecimento isolado; é uma realidade bem presente na vida de muitos jovens; em algumas escolas nas quais trabalhei, tive a oportunidades de conhecer um pouco sobre essas realidades e observei que, quando moças engravidam, tendem a abandonar os estudos assim como este casal do Cajuru do Cervo. No primeiro momento as mães acreditam que podem dar continuidade aos estudos e ter uma profissão; mas, após o nascimento da criança, começam a surgir as dificuldades, principalmente nas famílias com menor poder aquisitivo e, diante disto, a continuidade dos estudos fica cada vez mais distante. Muitas moças só voltam a estudar quando os filhos já estão crescidos; algumas, já casadas, se matriculam no programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA) e as famílias em melhores condições econômicas costumam contratar babás e instituições privadas para ajudar a cuidar dos filhos enquanto as mães concluem os estudos. Porém, a situação é bem diferente entre as mães de famílias mais pobres que, quase sempre, não podem contar nem com a família e nem têm recursos para pagar alguém para cuidar dos filhos. Neste caso, a volta aos estudos é muito mais desafiadora e depende muito do empenho e da força de vontade dessa jovem para concluir sua formação. Assim, vemos que o fator poder aquisitivo junto com o apoio da família dá à jovem mãe condições de continuar estudando após o nascimento do bebê.

Dados do Brasil Saúde (2000, p.9), apontam que “a superposição da gestação, nessa etapa do ciclo vital, acarreta uma sobrecarga física e psíquica a essa mulher jovem e tão cheia de ambivalências e sonhos”. Normalmente, as consequências são piores para as mulheres; pois, em alguns casos, acontece de o pai não reconhecer a paternidade e isso causa um desconforto que afeta toda família, durante e após a gravidez. Santos e Nogueira (2009, p.51)

destacam que, “no Brasil, é na camada social com menor poder aquisitivo que se encontram os maiores índices de fecundidade, baixa escolaridade e, muitas vezes, a repetência, aliada à falta de recursos materiais, financeiros e emocionais”.

Tiba (1996) afirma que tanto a escola quanto a família são imprescindíveis ao indivíduo; quanto mais forte a parceria entre elas, mais os resultados serão eficazes no desenvolvimento do ser humano e essa parceria deve ser constante porque uma complementa a outra. A boa relação entre responsáveis e escola é fundamental para que os jovens sintam mais seguros na instituição de ensino. Quando há uma boa comunicação entre as partes, a probabilidade de sucesso nos estudos é maior. Em relação a jovens que engravidam no período escolar tenho observado que há um rompimento com a escola após a maternidade. Isso pode ser por problemas psicológicos e ou financeiros.

Um estudo com jovens rurais de 15 a 25 anos no Município de Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, mostrou que há antecipação da sexualidade, trabalho e emergência de necessidades. Os jovens deixavam a escola por sucessivas repetências, para ajudar no trabalho da família definitiva ou temporariamente, porque a escola não oferecia perspectivas de futuro profissional e pela gravidez precoce (BACHA et al; 2006, p.431)

Além dos fatores citados acima, acrescento reprovação, envolvimento com drogas, lícitas e ilícitas, e má qualidade do ensino. Schwartzman (2004) aponta que a distorção de idade/série está ligada à má qualidade do ensino que limita a capacidade de aprendizagem de estudantes e, simultaneamente, às altas taxas de evasão escolar que ocorrem principalmente no ensino médio. Para Haddad (2012), a pouca qualidade da educação se mantém como aspecto central do problema; apesar de ter-se ampliado as vagas no ensino público, faltou qualidade ao ensino. De acordo com Silva (2020) o crescimento no número de matrículas entre 2009 e 2016 foi de, aproximadamente, 600%. Isso sugere que a ampliação do acesso ao Ensino Médio no período pode ter sido acompanhada de segmentação e não foi significativa; a média de anos de estudo é baixa, em torno de 7,5 anos para pessoas com 15 anos ou mais, variando entre regiões e segmentos sociais e, para quem vive no campo, a média fica em 4,8 anos conforme destaca Haddad (2012). Essa lógica leva ao abandono e evasão escolar; Auriglietti et al (2015, p.2) citam que “abandonar é deixar de estudar por um determinado período e retornar aos estudos, já evadir é deixar os estudos não retornando nos anos seguintes”.

## 2.5 Relação entre escola, professor e aluno

Um rapaz do povoado Cajuru do Cervo de 21 anos de idade revelou-nos o motivo pelo qual abandonou os estudos. Em sua descrição, ele expôs que na ocasião estava no 7º ano do Ensino Fundamental e solicitou à professora para sair mais cedo; segundo ele, ajudava seu pai na colheita de alimentos, prática comum para quem vive no campo, e, como não houve autorização, resolveu tomar a decisão de pular o muro e não voltar mais para a escola.

Castro e Tavares Junior (2016) afirmam a necessidade de a escola conhecer melhor o perfil dos jovens; esse conhecimento pode ajudar, principalmente, em suas escolhas e, assim, amortecer os efeitos da origem social desfavorável sobre suas trajetórias escolares. Conhecer a realidade do estudante é importante para orientá-lo a não tomar decisões erradas que possam comprometer seu futuro. Quando há esse tipo de orientação, os estudantes se sentem acolhidos e capazes de superar obstáculos.

Para Nogueira (2009), adolescentes não orientados ou com pouca orientação familiar tomam decisões impensadas que comprometem seus futuros. Já Castro (2012, p.69) afirma que a baixa qualidade no ensino que limita a capacidade de aprendizagem do aluno, somada às elevadas taxas de evasão escolar que ocorrem principalmente quando os jovens chegam à adolescência, e à reprovação propriamente dita, impulsionam o estudante a tomar a decisão de abandonar os estudos; alguns por vergonha, outros por não acreditarem que a escola possa ajudar a melhorar seu conhecimento. Nos relatos de alguns alunos pudemos observar que eles se sentem inferiores aos demais, principalmente quando são reprovados. Silva e Feitosa (2013) falam que a sociedade se exime de qualquer responsabilidade atribuindo a esses sujeitos a culpa por não ter cumprido seu dever de estudar.

Nos últimos trinta anos, o Brasil deu um salto importante na garantia do direito à educação para todos. Ampliou o acesso e as garantias legais e incluiu um enorme contingente de pessoas nas redes de ensino públicas. No entanto, tal movimento foi realizado sem conseguir garantir qualidade e universalidade na oferta e, principalmente, sem criar as condições necessárias para fazer da educação um forte instrumento de justiça social (HADDAD; 2012, p.219 e 220).

Se houvesse escolas que atendessem as necessidades destes jovens, grandes problemas sociais poderiam ser sanados. Tenho observado quando jovens se envolvem com drogas; ficam mais dispersos na escola e alguns se tornam agressivos e esses fatos podem levar ao abandono e desistência escolar. Tive oportunidade de conhecer e conversar com estes jovens; essas conversas foram importantes para compreender melhor os motivos que os levam abandonar a escola. Um jovem fez o seguinte relato:

Às vezes uso drogas para poder me sentir melhor ou ser alguém, tenho vontade de mudar de vida, mas não vejo possibilidades parei de estudar na 8ª série. O povo não dá oportunidade para nós, somos invisíveis aos olhos da sociedade, que muitas vezes nos vê como bicho”. Terminando sua fala com os olhos cheios de lágrimas disse: “Tenho vontade de ser alguém que possa ser notado por coisas boas e não por ruins como sou visto por aqui” (Relato de um jovem de 21 anos).

A questão social afeta a vida de alguns jovens que ali residem e o envolvimento com drogas lícitas e ilícitas limitam suas possibilidades e frustram seus sonhos. No geral, há jovens dentro do povoado do Cajuru do Cervo e seu entorno que manifestam o desejo de ter um curso superior que lhes possibilite ter acesso a uma profissão. Mas observei entre eles que poucos acreditam serem capazes de vencer; estes relataram que quem estuda são pessoas brancas e ricas, e os que pensam diferente disseram ter dificuldades em retomar os estudos porque alguns já são casados e não têm como estudar e trabalhar. Nogueira (2005) aponta a importância da família sobre os destinos escolares quando analisada a influência da escolaridade dos pais e da renda familiar no desempenho escolar de um filho; geralmente quem tem melhores condições às possibilidades, são maiores as chances de êxito.

## **2.6 Dificuldades para estudar de jovens que vivem no campo**

O poder público e parte da sociedade fecham os olhos para os problemas sociais que deterioram a juventude, os mais pobres sempre sofrem mais com os problemas sociais que estão estampados em nossa sociedade. Para o jovem do campo, os desafios de estudar são maiores porque não há escola pública que atenda às suas necessidades. Castro e Tavares Junior (2016, p. 246) citam a “precariedade das escolas públicas em relação à infraestrutura, tecnologias, conteúdo curricular e atividades extracurriculares, bem como as lacunas entre o ensino médio e o mundo do trabalho” como principais dificuldades enfrentadas por estes jovens. Os avanços na oferta de vagas não foram suficientes para garantir uma educação de qualidade e a acessibilidade a todos; de acordo com Haddad (2012) e o Censo Escolar 2020 que mostra o número de estudantes rurais de MG, pessoas com idade de 15 anos que vivem campo estudam em média 4,8 anos enquanto, as da cidade, estudam 7,5 anos.

Os dados do INEP (2020) mostram que Minas Gerais possui vários municípios rurais, que são regiões que não abrange perímetros urbanos, com poucas escolas de ensino médio nestes locais. Mesmo levando em consideração que o número de jovens do campo seja inferior ao número da cidade, eles não usufruem dos mesmos direitos. Para Silva (2007),

discutir a realidade da juventude rural hoje implica num olhar mais atento às suas lutas, sonhos, angústias e no seu lugar junto à família.

A precariedade do ensino não pode ser observada apenas em ausências tecnológicas e infra estruturais, existem outros elementos que, segundo Vendramini (2007), são a pobreza, o desemprego, as grandes desigualdades sociais e as dificuldades de acesso às políticas públicas (saúde, educação, transporte, infraestrutura etc.) Quem vive no campo não é ouvido e tampouco amparado em seus direitos. Seria importante abrir espaço para dialogar com estes discentes pois, assim, seria possível conhecer seus reais desejos e objetivos e, também, se sentiriam mais valorizados em ser ouvidos. Comumente deparo-me com estudantes das zonas rurais relatando as dificuldades de viver no campo e estudar na cidade; muitos alegam já chegarem cansados à aula pelo fato de acordar muito cedo.

Propiciar que o aluno tenha experiências positivas que melhorem sua autoestima e o revigorem para manter o esforço em tarefas posteriores... é necessário que o professor ajuste a tarefa às possibilidades de cada um e mantenha expectativas positivas para a aprendizagem de todos os seus alunos (MARCHESE; PÉREZ, 2004, p. 32).

Pelas minhas experiências em aula vejo a importância do diálogo; quando estudantes são ouvidos nota-se que eles se sentem valorizados e capazes. Com isso seus rendimentos escolares melhoram, e a escola se torna atrativa e importante.

A baixa qualidade da nossa educação atinge as classes mais pobres e aqueles que moram longe da escola. A carência de escolas rurais em Minas Gerais e no Brasil pode ser apontada como um dos motivos que desestimulam os jovens do campo a seguir seus estudos, vez que se associa a vários outros fatores como currículo, deslocamento em estradas perigosas, falta de incentivos e outros. O transporte escolar oferecido nas áreas rurais já foi tema de várias reportagens por não oferecer uma boa qualidade e segurança aos jovens que necessitam (G1 Sul de Minas, 2014). Os desafios enfrentados diariamente por estudantes rurais pioram nos períodos chuvosos; muitos deles não vão à escola.

Para Silva (2007, p.10), as dificuldades enfrentadas pelos jovens do campo se assentam, em primeiro lugar, na carência de políticas voltadas para os pequenos agricultores de um modo geral, como a agricultura familiar. A falta de um modelo voltado para quem vive no campo faz com que cada vez mais pessoas jovens deixem o campo para buscar empregos na cidade sem estar preparados. Este fato foi observado por mim quando trabalhei em algumas escolas onde havia estudantes das zonas rurais; muitos deles manifestavam o desejo de ter um emprego na cidade porque não enxergam no campo possibilidade de melhoras. Essa expectativa evidencia sobre o ser, o devir na vida futura diz respeito tanto às perspectivas

deles próprios quanto às de outros à sua volta, tais como a família, a sociedade, o mundo. Mas, como? Eles dizem, uns de forma mais objetiva e outros nem tanto, que seus desejos estão em melhorar de vida (ALVES; DAYRELL, 2015, p.387).

Um dos desafios para quem vive no campo é enfrentar o modelo de ensino que tem seu currículo voltado para o mercado de trabalho urbano e não leva em conta os saberes adquiridos da população rural, os quais poderão ter grande valor quando aplicados na prática.

A escola será a via para transformar as funções intelectuais da sociedade, trará mudanças socioafetivas tanto nos aspectos quantitativos como qualitativos, mostrando a necessidade de trocar os modelos tradicionais da educação por modelos mais condizentes com as necessidades da modernidade (MARTINEZ; PERIC, 2017, p. 10,11).

Considero que esses novos modelos de ensino estão voltados para as grandes empresas que visam somente o lucro sem dar importância ao cultural e ao ambiente; Haddad (2012) corrobora citando que por meio da educação são acessados os bens culturais, assim como as normas, comportamentos e habilidades construídas e consolidadas ao longo da história e, a meu ver, isso precisa ser considerado nos modelos de ensino atuais.

## **2.7 Superação à adversidade para quem vive no campo e é pobre**

Conhecer a forma como vivem os jovens do campo, como foi minha origem, foi fundamental para entender suas realidades e superações. São histórias que retratam a realidade de muitos brasileiros e brasileiras.

No povoado Cajuru do Cervo conheço pessoas que são verdadeiros exemplos de superação, como uma professora e outros moradores do povoado de origem pobre que conseguiram ter um diploma de curso superior. Hoje se sentem vitoriosos pela conquista que veio através de muitas lutas enfrentadas durante suas caminhadas. A professora em seus relatos cita a família como base de seu sucesso, e disse “se não fosse o apoio recebido, não teria conseguido; recordo que alguns colegas até iniciaram a faculdade, mas não concluíram, alegavam dificuldade e falta de apoio familiar”. Nogueira (2005, p.572) afirma “os pais tornam-se, assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares, profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade”.

Percebe-se, nestas passagens, a importância do apoio familiar; quem tem, pode fazer a diferença mesmo com uma situação financeira desfavorável. Quem não tem o apoio da família pode até conseguir, mas a superação se torna mais difícil. A professora fala com orgulho de suas conquistas, hoje se sente respeitada por ter conseguido trabalhar na escola do

povoado e essa conquista é motivo de orgulho para toda a família. “Eu sabia o quanto seria difícil superar as adversidades impostas pela sociedade; mas, com muita luta e humildade, consegui vencer”. Compartilho o mesmo sentimento com ela; sei o quanto é difícil para jovens pobres formarem-se numa faculdade, sobretudo sendo do meio rural. Há belas histórias de superação de pessoas do povoado do Cajuru do Cervo e o caminho para sanar os problemas passa pela educação, que deveria ser prioridade.

Conheci uma senhora de aproximadamente 60 anos de idade, viúva, mãe de cinco moças e muito orgulhosa de suas filhas; ela disse-me: “todas minhas filhas têm curso superior, foi conquistado através de muita luta e esforço”. Certamente o esforço é fato, mas não pode ser atribuído somente a ele, é preciso entender que existem outros fatores a serem considerados para superar as adversidades. Alves e Dayrell (2015) falam que as condições socioeconômicas em uma sociedade capitalista podem ser comprometedoras na elaboração dos projetos e que nem sempre basta querer. Auriglietti (2014) cita que alcançar sucesso nestes níveis de ensino não é a realidade de todos que adentram a escola, muitos desistem ao longo do caminho por diferentes situações que envolvem causas pessoais, sociais ou educacionais. É preciso garantir maior qualidade ao ensino para que se torne mais atrativo e os jovens enxerguem possibilidade de mudanças; e, mesmo com dificuldades econômicas, possam estudar mais e melhor para superarem as limitações que muitas vezes lhes são impostas e os levam a acreditar que não são capazes de romper as barreiras, visto que, em alguns casos, falta-lhes o incentivo até da própria família.

Alguns fatores são analisados em relação ao abandono e à evasão escolar, surgindo classificações dos mesmos em fatores endógenos e exógenos. As causas exógenas são defendidas por autores como Brandão (1983), Arroyo (1993) Janosz (1997), Queiróz (2002), Zago (2011) argumentando que o abandono se alicerça na má condição familiar, na necessidade de trabalhar para auxiliar os pais no sustento da família e na diferença de classes que alteram as relações sociais. Segundo os autores mencionados, por mais que se tente solucionar o problema com políticas públicas regionais e locais inclusivas, o problema persiste. (Auriglietti 2014, p.3)

No entanto, nota-se neste povoado que, quem mais estuda, quase sempre são os filhos de pessoas mais ricas ou filhos de quem tem melhor escolaridade. Essas percepções já foram estudadas por Bonamino (2010) quando ela citou o Capital Social baseado na família e esta mesma concepção de capital social foi sustentada por Bourdieu (1980) onde destacam-se três aspectos: os elementos constitutivos, os benefícios obtidos pelos indivíduos mediante sua participação em grupos ou redes sociais e as formas de reprodução desse tipo de capital. O

modelo de rede favorece aqueles que estão engajados no meio e fazem parte de um determinado grupo.

Coleman compartilha a perspectiva que aborda o papel das famílias na construção de capital social por dois ângulos. O primeiro focaliza o papel das famílias na construção de capital social extrafamiliar, ou seja, em redes sociais fora do lar. O segundo ângulo examina a construção do capital social no interior das redes familiares e a importância disso para o desenvolvimento individual de seus membros, especialmente para o desempenho escolar e cognitivo dos filhos (BONAMINO et al, 2005, p. 491).

Trindade (2011, p. 93) cita que “a escola continua sendo vista como promotora de injustiças, mas também pode servir de ferramenta para a conquista da justiça social”. Mais do que isso, penso que seja necessário que a escola comece a conhecer a realidade social dos seus discentes, preparando-os para a vida. Para Bourdieu e Passeron (2009, p. 98), a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. De acordo com o autor é na escola que ocorre o legado da família, onde vai se transformando em outra forma de conhecimento. Noto que precisamos de uma visão crítica e social para conhecer melhor a situação em que se encontram os jovens moradores das zonas rurais e dependem de uma escola que não atende às suas expectativas, não os ajuda a desenvolverem suas habilidades e função social perante a sociedade. Para Haddad (2012, p.217) “os sistemas escolares são parte desse processo e, neles, algumas aprendizagens básicas são desenvolvidas”. Nas sociedades modernas, o conhecimento escolar é quase uma condição para a sobrevivência e o bem-estar social. Nos povoados rurais jovens acreditam mais no trabalho do que na educação.

## **2.8 Influência da família no desempenho escolar do estudante**

A família pode influenciar para que os filhos estudem mais?

Existem razões familiares que façam com que os filhos estudem melhor?

Os filhos de famílias com mais recursos financeiros serão mais estudiosos?

Tais questões poderão ser respondidas a partir de outros trabalhos e de conversas com pessoas que se apropriaram dessa realidade descrita.

Os estudos de Bourdieu, que acentuaram a origem social dos alunos, levam à compreensão das desigualdades escolares e, mais ainda, que as desigualdades escolares reproduzem o sistema objetivo de posições e de dominação (BOURDIEU, 1970, apud BONAMINO et al, 2010 p.487). Tenho observado que, quando a família apoia o filho, os

resultados são melhores em relação àqueles que não têm esse apoio, o qual pode ser econômico, cultural ou emocional.

Esse valor de baseia no poder econômico da família que é transformado em capital cultural; mas, precisamos entender que tipo de capital esse estudante traz e, neste caso, ele pode trazer habilidades como a de expressar-se bem em público, habilidade adquirida, normalmente, através do acesso a bons livros, viagens realizadas com a família, participação de eventos teatrais, visitas a museus e outros. Essa bagagem cultural pode fazer diferença na vida escolar dos estudantes de classes abastadas pois, como é percebido, os filhos dessas famílias tendem a estudar mais. Infelizmente, a escola costuma valorizar mais esse tipo de cultura em detrimento da cultura popular de alunos menos favorecidos. Contudo, essa visão não pode ser tomada como verdade absoluta porque existem pessoas que conseguem obter um grau satisfatório de sucesso mesmo não se enquadrando no padrão apontado neste estudo.

De certa forma a escola promove uma espécie de triagem social na vida dos estudantes a partir dos capitais econômico, cultural e social; ela acredita que há maior sucesso entre estudantes contemplados com estes capitais e certamente isso está relacionado à maneira pela qual a educação é oferecida aos mais pobres. Para Nogueira e Nogueira (2002), só os alunos oriundos de famílias mais ricas têm como responder às expectativas do sistema de ensino e isso acontece devido ao modelo de educação que favorece mais a classe dominante, que exerce o poder do capital econômico na vida dos estudantes e condiciona que alunos mais pobres têm menores possibilidades de estudar. Sabemos da hegemonia dos mais ricos, mas pode haver exceções; embora, para muitas famílias, o ensino médio não faça parte da cultura familiar. Segundo Castro e Tavares Jr. (2016), jovens mais pobres acreditam que o ensino médio não faz parte de suas possibilidades, não são cobrados pela família a dar continuidade aos estudos e, por não haver cobrança, percebe-se entre alguns jovens o sentimento de desvalorização da educação.

Bonamino et al (2010, p.492) falam que o “grau de investimento na carreira escolar está vinculado ao retorno provável que se pode obter com o título escolar, notadamente no mercado de trabalho”. De acordo com os autores, os filhos de famílias com maior renda tendem a estudar mais e ter melhores oportunidades no mercado de trabalho. A esse grau de investimento Bourdieu chamou de capital econômico, formado por diferentes elementos como terras, fábricas, trabalho e o conjunto de bens econômicos constituído por dinheiro, patrimônio e outros bens materiais; famílias com esses recursos poderão ter mais retorno.

Acrescenta-se a isso o fato de que o retorno alcançado com os títulos escolares depende, parcialmente, como já foi dito anteriormente, da posse de

recursos econômicos e sociais passíveis de serem mobilizados para potencializar o valor dos títulos. No caso dessas famílias, nas quais esses recursos são reduzidos, tender-se-ia, naturalmente, a obter um retorno mínimo com os títulos escolares conquistados (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002, p.4).

Deduz-se que os melhores empregos e salários estão para aqueles com melhores condições econômicas, puderam ter ensino de qualidade e estudaram no tempo certo; um privilégio de poucos devido ao modelo capitalista. Para Nogueira e Nogueira (2002) a vida escolar dos filhos de famílias com baixo poder aquisitivo não é acompanhada de modo muito sistemático e nem há uma cobrança intensiva em relação ao sucesso escolar; muitas famílias exigem dos filhos apenas que estudem o necessário para ter uma formação mínima que lhes possibilite arrumar algum emprego. No entanto, isso não é uma regra e pode haver exceções; é preciso analisar outros fatores que causam o desinteresse tanto do aluno quanto da família pela educação. Auriglietti (2014) cita como causas prováveis de desmotivação dos estudantes a relação entre professor e aluno, muitas vezes fria, mecânica e distanciada, ou a forma como a escola se organiza. Quando há este cenário, até filhos de ricos podem se desmotivar e interromper os estudos e, neste caso, o poder aquisitivo por si só não basta. Por outro lado, quando há uma boa relação e organização escolar, as famílias pobres também podem ter filhos na faculdade como podemos observar nos relatos a seguir de uma família pobre que, mesmo com dificuldades e quando tudo parecia desfavorável, conseguiu que as filhas estudassem.

### **2.8.1 Relatos de uma família pobre que conseguiu estudar suas filhas**

As personagens dessa história são quatro moças, moradoras do Cajuru do Cervo, de família pobre e negra. A mãe, uma senhora de sessenta anos, perdeu o esposo em um acidente de carro; após o corrido, ela teve que cuidar das filhas com uma renda mínima de servente escolar. A senhora relata que, para complementar os rendimentos, trabalhava na colheita de café e outras atividades. Ela descreve que, mesmo com as dificuldades enfrentadas, sempre teve como prioridade a educação escolar das filhas. Castro e Tavares Jr, (2016) afirmam que em muitas famílias não há cobrança ou expectativas educacionais; a história dessas jovens é importante para compreender o papel da família na vida escolar dos filhos, mesmo quando há pouco recurso financeiro. De acordo com Castro e Tavares Jr. (2016), há exceções que fogem à regra; isto é, estudantes de escolas públicas, não brancas, com baixo nível socioeconômico e filhas de mãe com pouca escolarização, apesar das condições desfavoráveis, obtiveram sucesso escolar.

As moças expuseram que sempre tiveram pouco, mas isso não impediu de lutar para conseguirem seus objetivos. Falavam com orgulho por meio de lágrimas e uma delas discursou em nome de todas destacando com orgulho as suas conquistas:

Essas lágrimas não são de sofrimento, mas sim de vitória e de muitas lutas para conseguirmos ser alguém em uma sociedade excludente. Quando fazíamos faculdade particular, enfrentávamos diversas lutas, havia colegas de sala que tentavam nos envergonhar por nós ser pessoas da roça; por isso valorizamos cada conquista, pois não tínhamos alternativa, pois passamos por vários desafios na faculdade tanto de aprendizagem quanto socialmente. (MORADORA, 28 ANOS)

Para quem não tem dinheiro e não teve uma base escolar, as dificuldades são maiores, ainda mais morando na roça, é muito difícil estudar. Ainda hoje, existe a cultura entre os moradores locais que estudar é coisa de ricos, pobres precisam é de trabalho. Essa baixa estima está presente na vida dos jovens que residem aqui. Muitos acreditam que terão mais sucesso trabalhando do que estudar. Diferente dessa cultura nossa mãe sempre colocou o estudo como prioridade em nossa vida. Graças a Deus, hoje somos todas formadas em curso superior (MORADORA, 26 ANOS. IRMÃ DA ENTREVISTADA ANTERIOR).

O que percebemos é que a escola sozinha não exerce o papel fundamental na vida das pessoas que é o de socializá-las e encorajá-las para a luta; Castro e Tavares Jr (2016, p.245) contrariam a ideia de capital humano de que a escola sozinha seria capaz de realizar a igualdade de oportunidades. Nas famílias onde não há melhores recursos existe ainda hoje a cultura de que filhos de pobres não podem estudar, a ordem natural deles é ficarem presos em suas origens trabalhando para os ricos.

De acordo com Freire (1987), as pessoas precisam de uma educação libertadora, emancipatória. Os modelos atuais de educação não têm cumprido esse papel, nem tampouco levado o estudante ao conhecimento. Paulo Freire aponta para a necessidade de um ensino dialético na vida dos alunos, levando-os a um processo de apropriação do conhecimento e, através dessa apropriação, a sua libertação via tomada de consciência da sua condição sociopolítica. Percebe-se que há muitas barreiras a serem vencidas pelos estudantes cujas famílias não têm recursos econômicos e pouca bagagem cultural; sejam eles moradores do campo ou da cidade. Para Bourdieu e Passeron (2009), o capital cultural é um conceito usado para explicar um novo tipo de capital e recurso social, fonte de distinção que revela a existência de diferenças de várias ordens, principalmente, a relacionada ao acesso a bens culturais pelas famílias. Portanto, cada grupo social é representado por seus capitais que determinam sua posição na sociedade egocêntrica.

O modo de produção capitalista passou a ser dominante em nossas sociedades e a escola passou a ser frequentada também pelos trabalhadores, sendo exigida alguma forma de relação entre seu projeto educativo e as

exigências do mundo da produção, há questões comuns quando se trata de pensar nas transformações da escola (CALDART, 2015, p.2).

Entre os estudantes há aqueles que conseguem superar as dificuldades enquanto outros não; mas, não existe um modelo de superação que possa ser seguido e este é um processo que precisa ser entendido. Para Nogueira (2005, p.571) “a conjugação de todos esses fatores acarretará uma reconfiguração do lugar do filho, que terá por consequência um forte desenvolvimento e diversificação do papel educativo da família”.

Coleman compartilha a perspectiva que aborda o papel das famílias na construção de capital social por dois ângulos. O primeiro focaliza o papel das famílias na construção de capital social extrafamiliar, ou seja, em redes sociais fora do lar. O segundo ângulo examina a construção do capital social no interior das redes familiares e a importância disso para o desenvolvimento individual de seus membros, especialmente para o desempenho escolar e cognitivo dos filhos (BONAMINO et, al 2010, p.491).

Nas famílias com poucos recursos financeiros e com maior número de filhos, tenho observado que fica mais difícil manter todos na escola, principalmente no ensino médio; muitos estudantes precisam trabalhar para complementar a renda da família.

Assim, sob o argumento da necessidade de se conhecer o aluno para a ele ajustar a ação pedagógica, o coletivo de educadores da escola (professores, orientadores e outros) busca hoje ativamente e detêm efetivamente informações sobre os acontecimentos mais íntimos da vida familiar, como crises e separações conjugais, doenças, desemprego etc. (NOGUEIRA, 2005, p.573).

Quando há integração entre aluno, escola e família, o estudante se sente mais acolhido e essas ações podem superar o capital econômico, sendo suas respostas aos estudos indiscutivelmente melhores. A falta desse acolhimento, como já citado, gera desmotivação no aluno que acaba por abandonar os estudos; situação muito frequente entre estudantes do ensino médio, visto que “o sistema escolar funciona como um funil, em que muitos ingressam no ensino médio, mas poucos conseguem concluir” (CASTRO et al; 2016, p.258). Mas qual seria o motivo da não permanência de jovens no ensino médio? Na visão de alguns jovens que conheci e conversei, o abandono se dá pela necessidade de ajudar a família, outros por não gostarem de estudar, há também aqueles que buscam no trabalho a satisfação dos seus desejos de consumo como aquisição de celulares, motos e carros e, com isso, acabam deixando os estudos em segundo plano, outros ainda justificaram a falta de apoio da família, mas, para estes, o estudo não faz diferença, acreditam em outros valores.

Para muitos jovens o trabalho oferece melhores condições de sonhar e alcançar seus objetivos. Seria mesmo opção por trabalho ou pode haver outras razões envolvidas? São respostas que precisam ser analisadas num contexto mais amplo, sem julgamentos prévios,

para obter uma melhor compressão, levando em conta a cultura local que pode influenciar no cotidiano das pessoas. Caldart (2015, p. 10) afirma que “cada pessoa nasce em uma determinada cultura que vai conformando seu jeito de ser e que se torna consciente pode ser retrabalhada para reafirmação ou contraponto”. Compreender e respeitar a cultura de cada grupo é fundamental para que indivíduos sejam pessoas emancipadas e seguras de suas ações enquanto cidadãos.

Castro et al (2016, p.243) afirmam que há estudantes de escolas públicas, com baixo poder aquisitivo e pais semianalfabetos, que obtiveram sucesso escolar; ou seja, chegaram ao terceiro ano do ensino médio em idade apropriada, sem terem sido reprovado ao longo de sua trajetória. Vejo que esta trajetória de sucesso mesmo em condições desfavoráveis se deve muito ao apoio familiar como já relatado. Bonamino et al (2010, p. 491) destacam o papel da família e ilustram o que é e como opera o capital social baseado na família. O estudo realizado com jovens do povoado do Cajuru do Cervo nos mostrou pessoas que, mesmo enfrentando grandes dificuldades econômicas, conseguiram concluir o nível superior de ensino e destacaram-se em suas profissões.

É possível observar que muitos jovens, mesmo pertencendo a classes sociais menos favorecidas, almejam os níveis educacionais mais elevados e a esperada mobilidade social, mesmo sem os meios ideais para persegui-los, avaliando os prováveis custos, riscos e benefícios, descrevendo trajetórias escolares heterogêneas (CASTRO et al, 2016, p. 246).

O governo brasileiro buscou, nas últimas décadas, combater o abandono na Educação Básica através de programas sociais como o Bolsa Família que possibilitou às famílias em situação de pobreza manterem seus filhos na escola. Este programa foi criado em 2004 e auxiliou a combater a fome. De acordo com Marques (2005, p.24), “o Bolsa Família constitui o mais importante programa de transferência de renda hoje existente no país, melhorando a vida das famílias desamparadas”.

Além do Bolsa Família, houve outras políticas de governo e de estado voltadas para o campo, amparando os jovens e dando-lhes oportunidades para continuar os estudos. Graças a isso, muitas pessoas conseguiram realizar o sonho de se formar numa faculdade. Em 2004, através da Lei 10.880 (2004), o governo federal, em conjunto com as prefeituras, instituiu o Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar - PNATE e os jovens do campo tiveram condições de frequentar escola; até então, não havia essa possibilidade. São notórios os avanços na área da educação; porém, ainda há um longo caminho para que todos tenham acesso a um ensino de qualidade, tanto no campo quanto na cidade.

### 3 METODOLOGIA

Na primeira etapa do trabalho foi realizado um levantamento de dados sobre os jovens do povoado do Cajuru do Cervo, Município de Lavras-MG, para compreender e conhecer quem são e, também, buscar entender como acontece o seu processo de escolarização.

A pesquisa foi realizada através de visitas locais, com intervalos de 30 a 60 dias, no período de junho 2020 a março de 2022. Trata-se de pesquisa qualitativa, desenvolvida através de uma abordagem exploratória e descritiva quanto aos fins, e pesquisa de campo quanto aos meios (VERGARA; 2006). Os procedimentos técnicos permitem o delineamento da investigação empírica, sendo divididos em dois grupos quais sejam: “aqueles que se valem de fontes de papel e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas” (GIL; 2002, p. 43). Deste modo, essa pesquisa foi embasada usando os dois métodos citados e, após as visitas para conhecer melhor o perfil dos moradores, foram realizadas entrevistas. As entrevistas ocorreram na quadra esportiva local e nas residências; foram realizados 7 (sete) encontros cujos relatos eram anotados em um diário de campo e, em sequência, transcritos e analisados com outros trabalhos semelhantes para melhor embasamento.

Antes de iniciar a pesquisa, foram formuladas hipóteses sobre as causas que podem levar estudantes da zona rural ao abandono e evasão escolar, conforme o quadro 1. Como base dessas hipóteses foram verificados estudos de autores que apontaram possíveis causas.

Previamente ao início do trabalho havia a expectativa de poder entrevistar os estudantes nas escolas em que estudam; porém, isso não foi possível devido às restrições da pandemia da COVID-19. Assim sendo, tivemos que adotar outro método e ir atrás dos jovens estudantes e moradores em suas residências para colher as informações necessárias para a pesquisa. As visitas foram realizadas de acordo com as medidas sanitárias necessárias, seguindo os protocolos vigentes. O trabalho de campo só foi possível porque eu já conhecia parte dos moradores que vivem nesse povoado, os quais são pais de jovens; essa proximidade, sem dúvidas contribuiu para que o desenvolvimento do trabalho fosse realizado com sucesso.

Para a composição de dados nessa primeira etapa foram utilizados encontros com moradores locais incluindo 2 (duas) professoras que contribuíram com informações muito importantes, as quais até eu mesmo desconhecia, embora sendo da localidade. Posteriormente foi definido trabalhar com 20 pessoas entre 15 e 30 anos, estudantes e não estudantes no período de 2020 a 2022. As entrevistas eram realizadas individualmente ou em grupo de até 5 pessoas, seguindo a técnica de entrevista denominada grupo focal. Gatti (2005) considera que esse tipo de entrevista é importante uma vez que o pesquisador cria as condições necessárias

para que o grupo constituído possa interagir plenamente e estabelecer um processo de comunicação sem ingerências indevidas.

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais. Para Kitzinger (2000), o grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços (BOMFIM, 2009).

Nesses encontros os dados foram colhidos e anotados no caderno de campo, levando em conta os depoimentos e as informações mais relevantes que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

Em seguida, foram realizadas leituras de livros e artigos. A pesquisa bibliográfica ajudou a entender melhor o problema sobre as dificuldades de escolarização que ocorre no povoado do Cajuru do Cervo. A partir deste conhecimento foi possível confrontar com as hipóteses e o problema da escolarização, que não é uma particularidade somente deste povoado.

Para realizar as entrevistas, o modelo adotado foi o de entrevistas semiestruturadas, técnica de investigação composta por certo número de questões apresentadas por escrito. De acordo Preti (2006) este modelo é flexível, abre espaço para que candidatos e entrevistador conversem além do planejado. De acordo com Minayo (2009), quando o entrevistado se sente seguro, o entrevistador consegue aprofundar mais nas perguntas; o uso dessa estratégia possibilitou uma maior aproximação.

O estudo buscou conhecer quem são e como vivem os jovens do povoado do Cajuru do Cervo, suas dificuldades e possibilidades diante da escolarização. Após os relatos foi realizada uma análise para examinar as hipóteses sobre as razões pelas quais jovens rurais abandonam os estudos. Para culminar o trabalho foram elaboradas oito perguntas aos participantes com o objetivo de analisar e confirmar as hipóteses já apresentadas no decorrer do trabalho; as respostas dos entrevistados para essas perguntas não tiveram interferência do entrevistador (pesquisador). Segundo Minayo (2002, p.18) teorias são explicações parciais da realidade que cumprem a função de esclarecer melhor o objetivo da investigação, assim como levantar as questões, hipótese/perguntas com mais propriedade. Seguindo estes passos, foi possível confirmar algumas hipóteses.

Quadro 1 - Hipóteses sobre fatores ao abandono e evasão escolar

<b>PROBLEMA</b>	<b>HIPÓTESES</b>
1. Drogas abandono escolar	O uso de drogas faz com que estudantes percam o interesse pelos estudos.
2. Reprovação	Desmotivação, exclusão, vergonha, dificuldade em entender o conteúdo.
3. Gravidez na adolescência	Interrompem projetos, pode causar problemas de saúde no bebê e na gestante,
4. Trabalho	Sem condições financeiras, entre outras
5. Família	Falta de apoio familiar, recursos tecnológicos
6. Inadequação da metodologia da escola	Não gostar de estudar ou ter dificuldades para aprender
7. Defasagem escolar	Jovens acima de 18 anos não conseguem retomar os estudos.

Fonte: Do autor (2021).

## 4 ANÁLISES DO TRABALHO

### 4.1 Análise das hipóteses

#### 1) Drogas

Constata-se que, em algumas escolas nas quais trabalhei, há jovens estudantes envolvidos com drogas lícitas e ilícitas. Logo, o desempenho escolar destes é menor em relação àqueles que não usam. Em determinada turma, alguns estudantes eram usuários e faltavam às aulas diariamente. Quando estavam presentes, dormiam ou se tornavam agressivos com os colegas e até mesmo com o professor. Essas atitudes lhes geravam suspensão e, após serem suspensos, abandonavam a escola.

#### 2) Maternidade

Além de ter observado que o uso de drogas pode levar jovens a abandonar a escola, também há outros fatores, como a maternidade, que pode interferir na continuidade dos estudos. Como professor, já deparei com várias jovens estudantes que engravidaram e poucas tinham potencial para continuar os estudos. No primeiro momento, elas acreditavam que poderiam voltar para a escola após a gestação; mas, a realidade é que poucas conseguem terminar o ensino médio. Cardoso e Malbergier (2014) afirmam que o consumo de substâncias como álcool, tabaco e ou drogas ilícitas está associado aos problemas de desempenho escolar. O envolvimento com drogas pode comprometer o desenvolvimento escolar, levando o estudante ao abandono e evasão.

#### 3) Trabalho e distância e Reprovação

Nas escolas onde trabalhei, as quais atendem estudantes das zonas rurais, acompanhei as dificuldades destes em concluir o ensino médio. Muitos abandonaram a escola para trabalhar, outros por acharem que a escola não faz sentido e alguns diziam que a distância percorrida os levava à exaustão.

Além da distância, há também a reprovação; entende-se que, quando estudantes são reprovados, se sentem envergonhados e desistem de estudar por já estarem em defasagem em relação à turma.

#### 4) Família

Dentro de uma sala de aula há estudantes mais comprometidos e outros que não levam a sério os estudos. Quais seriam as razões para alguns terem bom aproveitamento e outros não? Estes questionamentos fizeram perceber a importância do apoio familiar na vida deles, o que pode levá-los a terem um melhor desempenho escolar. Nas reuniões com os pais observei que quando há uma parceria entre família e escola, o sucesso escolar do aluno é melhor. Nogueira (2005) trata da responsabilidade dos pais pelos êxitos e fracassos escolares e profissionais dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade.

#### 5) Defasagem escolar

Para jovens acima de 18 anos que moram nas zonas rurais e não concluíram o ensino médio, as dificuldades são maiores em relação àqueles que moram na cidade. Para jovens da cidade que estão em defasagem é oferecido o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno. Enquanto, para quem mora no campo, as possibilidades de estudar são menores. Freire Rose (2014, p.11) afirma que para alunos com idade superior agrava-se a situação do abandono do ensino formal, dado que normalmente trata-se de um público-alvo composto, em sua maioria, por trabalhadores casado e com prole. Estes fatores levam muitos jovens a desistirem de estudar e priorizarem o trabalho.

#### 6) Inadequação da metodologia da escola.

Normalmente isso acontece porque a escola está distante para alguns estudantes, tenho percebido que essa distância, ocorre por falta de diálogos, mas não é só isso há outros problemas que distancia jovens do ambiente escolar como por exemplo a falta de melhores esclarecimentos pela família sobre estudos.

### **4.2 Análise de dados**

Este estudo buscou conhecer jovens entre 15 e 30 anos residentes no povoado do Cajuru do Cervo e no entorno que estão estudando, assim como, aqueles que abandonaram seus estudos. Mediante as entrevistas foram identificados alguns perfis que interessam para nossa pesquisa. Para se chegar às respostas que precisamos foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 20 jovens conforme a tabela 1 e o quadro 2.

Tabela 1 - Faixa etária dos entrevistados/as e números de participantes entrevistados.

<b>Idades</b>	<b>Nº de Estudantes</b>	<b>Nº de Não Estudantes</b>
15 - 20 anos	06	04
20 - 25 anos	02	05
25 - 30 anos	01	02
<b>Total</b>	<b>20 Pessoas</b>	

Fonte: Do autor (2021).

Quadro 2 - Perguntas e respostas sobre a percepção de estar ou não estudando entre jovens de 15 a 30 anos.

<p>1. Atualmente está fora da escola? Pode apontar alguns motivos?</p> <p>O objetivo desta pergunta foi saber se os jovens entrevistados estão estudando ou não, e os motivos que os levam a continuar ou abandonar a escola.</p>	<p>Sim (11) Não (9)</p> <p>Os motivos foram diversos; dentre os mais significativos estão: trabalho, não gostar de estudar, dificuldade de aprender, distância, má influência dos colegas, gravidez.</p>
<p>2. Você acredita que a educação pode transformar as pessoas a ponto de terem uma postura mais crítica e possibilidades de conseguir melhores empregos e salários?</p> <p>Essa pergunta procurou saber se o jovem tem o desejo de voltar a estudar para ter melhores condições financeiras e maiores possibilidades de melhorar o meio onde vive.</p>	<p>Sim (12) Não (8)</p> <p>Os entrevistados que responderam Sim já trabalham e alguns já são pais e tutores da família com idade acima dos 20 anos e que, devido a circunstâncias diversas, interromperam os estudos, mas perceberam que a falta de estudo dificulta conseguir empregos melhores e ter um salário mais justo; por isso almejam retornar.</p> <p>Os que responderam Não têm menos de 20 anos e não veem possibilidades de melhorar de vida através dos estudos. Acreditam que não necessitam estudar para conseguir bens materiais porque muitos já possuem carro e moto, e os consideram suficientes.</p>
<p>3. O que é mais importante para o momento: trabalho ou estudo?</p> <p>O intuito da pergunta foi entender a visão desses jovens acerca do trabalho e do estudo, uma vez que ambos são importantes para se manter na sociedade.</p>	<p>Trabalho (20) Estudo (0)</p> <p>Todos responderam que veem no trabalho melhores possibilidades do que no estudo. Alguns ainda reconhecem a necessidade de estudar e trabalhar, mas citaram a dificuldade para quem vive no campo em conciliá-los.</p>

<p>4. Existem outros fatores, além da gravidez, que os levam a abandonar a escola?</p> <p>Esta questão procurou identificar quais outros aspectos podem comprometer a formação educacional, além da gravidez.</p>	<p>Sim (16) Não (4)</p> <p>Os fatores apontados foram: casamento, trabalho, situação financeira, distância da escola, dificuldade de acompanhar o conteúdo, achar que a escola não faz diferença em suas vidas, discriminação, más companhias e até o envolvimento com drogas.</p>
<p>5. Durante o período escolar já foi reprovado em alguma série? A reprovação teve ou tem alguma influência para continuar estudando ou não?</p> <p>O objetivo é entender como os estudantes se sentem após serem reprovados.</p>	<p>Sim (17) Não (3)</p> <p>A maioria respondeu que a reprovação foi determinante para abandonar os estudos. Os que continuaram estudando relataram que é constrangedor ser reprovado e causa desânimo ter que repetir tudo novamente da mesma maneira. Outros justificaram que foram reprovados porque não levavam a sério. As pessoas que não foram reprovadas, justificaram que sempre levaram os estudos a sério. “Hoje é difícil ser reprovado, o estudante tem várias possibilidades para passar de ano”, destacou uma jovem de 17 anos.</p>
<p>6. Você tem o apoio da sua família em relação aos estudos?</p> <p>Analisar a influência da família no sucesso escolar dos filhos, já que a escola sozinha não prepara os jovens para serem cidadãos plenos.</p>	<p>Sim (5) Não (15)</p> <p>Os que responderam Sim afirmaram a importância de a família estar sempre presente no seu desenvolvimento escolar; argumentaram que os pais sempre vão à escola e procuram conversar com professores. Outros mencionaram que os pais cobram deles dedicação nos estudos, “mesmo sem ter muito estudo procuram saber o que estamos aprendendo, isso nos deixa mais seguros”. Os que disseram Não falaram que seus pais nem sabem o nome da escola onde eles estudam, não participam das reuniões e não cobram seus desempenhos escolares. Quando são chamados pela direção da escola, não podem ir devido ao trabalho ou alegam que a responsabilidade de estudar é do filho e não deles.</p>

<p>7. Por morar na zona rural e estudar na cidade, já se sentiu inferior em relação aos colegas da cidade?</p> <p>Analisar se as dificuldades dos estudantes das zonas rurais são as mesmas dos estudantes da cidade, da mesma faixa etária.</p>	<p>Sim (13) Não (7)</p> <p>A maioria afirmou que sim e os demais não souberam responder. Os que responderam sim ainda apontaram que sofrem chacotas por colegas e, até mesmo, por alguns professores.</p>
<p>8. Há dificuldades em estudar na cidade e usar o transporte escolar? Por quais motivos?</p> <p>Trata-se do transporte público que atende os estudantes do campo que estudam na cidade.</p>	<p>Sim (20) Não (0)</p> <p>O Sim foi unânime para essa questão e, dentre os motivos, os estudantes citaram: chegar atrasados, perder aula devido ao ônibus ter quebrado, acordar muito cedo, dificuldade de locomoção em dias chuvosos, passar muito tempo dentro do ônibus, chegar em casa muito tarde e com fome, perda de horário.</p>

Fonte: Do autor (2021)

### 4.3 Análises das entrevistas

#### **Pergunta 1** - Atualmente está fora da escola? Pode apontar alguns motivos?

O objetivo desta pergunta foi saber se os jovens entrevistados do povoado Cajuru do Cervo estão estudando ou não, e os motivos que os levam a continuar ou abandonar a escola.

Um jovem de 20 anos justificou dizendo que “Era muito cansativo ter que acordar muito cedo todos os dias para estudar na cidade e, também, eu não interessava muito para estudar, sempre gostei mais de trabalhar”. A exemplo deste jovem, há outros tantos que desistem de estudar devido uma série de fatores nos quais incluem, principalmente, a distância, as repetências e estar fora da idade para a série em curso. Não ter uma escola perto de casa pode levar ao abandono e, segundo Pereira e Castro (2021, p.17), falta infraestrutura apropriada para o aprendizado dos alunos e métodos que acompanhem as mudanças no mundo.

A meu ver, são necessárias mudanças que tragam diferença para o ensino como, por exemplo, um modelo de currículo e maneira de ensinar que façam sentido para os estudantes;

pois, alguns jovens mencionaram em sua resposta a essa questão que “há dificuldades de ficar horas dentro da sala de aula, apenas ouvindo o que o professor está propondo a ensinar, sem aproveitamento, porque quase ninguém presta atenção, isso acontece com frequência e aqueles que desejam aprender não conseguem”. Em outro relato, os entrevistados disseram que “quase sempre os professores não conseguem dar aula de qualidade devido a tanta bagunça dentro da sala, muitos colegas só vão para escola para atrapalhar”. Os relatos destes jovens comprovam o que vem acontecendo dentro da sala de aula, docentes e estudantes desmotivados por não conseguirem atingir seus objetivos.

Um entrevistado de 23 anos relatou que era influenciado pelos colegas a matar aulas<sup>1</sup>; “quando eu estava no primeiro ano do ensino médio, havia sempre um grupo de colegas que fazia bagunças nas aulas de português e matemática, entre outras. Não gostávamos das matérias nem dos professores, essas aulas eram muito chatas”. Constatou-se que essa falta de harmonia leva à indisciplina e, como consequência, pode terminar em abandono escolar como acontece regularmente.

Nota-se que, além desses fatores citados, nas escolas em que trabalhei há trocas frequentes de professores, o que é comum nas escolas estaduais de Minas Gerais por falta de concursos e melhores salários. Vejo que isso pode prejudicar o desempenho dos estudantes porque as substituições constantes impedem que haja tempo suficiente para criar uma relação de confiança entre educador e estudantes, fundamental para um bom desempenho dos alunos. Durante a entrevista, um jovem afirmou “que muitos professores contratados chegam e saem da escola sem saberem o nome da maioria dos estudantes da turma” e isso percebi que acontece reiteradamente, mas não é culpa do professor; seu vínculo com a escola é sucinto, não há tempo de estabelecer uma relação de conhecimento com todos e, também, são muitos alunos dentro de uma mesma sala de aula.

Rios (2011) aponta a importância da relação entre os professores da cidade e os alunos do campo, vez que a referência dos docentes é sempre o cotidiano urbano e têm isso como algo comum a todos os estudantes. Já observei que existem docentes que não possibilitam o diálogo com os estudantes, não dão a eles o direito a questionamentos e nem a debates sobre alguns assuntos que eles dominam; não tendo esta abertura, o desinteresse se torna constante e logo começam a faltar às aulas até chegarem ao ponto de abandonarem a escola.

Geralmente, os estudantes mais faltosos às aulas costumam ser os de zonas rurais que estão no ensino médio, principalmente no período das colheitas quando ajudam suas famílias

---

<sup>1</sup> Gíria popular entre estudantes que significa faltar à aula para ir se divertir ou fazer outra coisa sem permissão.

e, com isso, tenho observado que o modelo de educação, ou seja, o currículo escolar proposto, não condiz com a realidade dos alunos. Castro e Tavares Jr (2016, p. 242) citam em seu trabalho que o ensino médio não faz parte do capital cultural das famílias; muitas vezes não há cobranças ou grandes expectativas em relação à trajetória educacional e, dentre os entrevistados que estudam, foi dito que não veem muito entusiasmo na escola embora saibam da necessidade de estudar para conseguirem melhores opções de trabalho, outros relataram que não têm necessidade de estudar para trabalhar.

**Pergunta 2** - Você acredita que a educação pode transformar as pessoas a ponto de terem uma postura mais crítica e possibilidades de conseguir melhores empregos e salários?

No povoado do Cajuru do Cervo e seu entorno ainda permanece a cultura de que estudar não é para pobre; fato que se confirma na fala de um jovem de 19 anos que não estuda e nos confidenciou que “só estuda os ricos, os pobres tem é que trabalhar”. Araújo (2007) afirma que há quem acredite que o campo não seja lugar de ter educação de qualidade e as pessoas não precisam estudar; esta afirmação mostra um pouco do que observei neste povoado em conversas com várias pessoas e com os entrevistados, possibilitando-me enxergar o quanto é preciso saber lidar com as diferenças. Mesmo percebendo que houve melhoras, ainda há a cultura de que só ricos estudam; mesmo não estudando, alguns têm bons cargos e salários porque já são herdeiros e não precisam se esforçar tanto. Ao passo que pessoas pobres, com raras exceções, conseguiram estudar, ter uma boa profissão e uma visão diferente que lhes possibilita melhorar o meio onde vivem.

A realidade de quem vive hoje no povoado é bem diferente de 30 anos atrás; naquela época, as pessoas de lá só estudavam até a 4ª série, não era ofertado o ensino gratuito a todos e as famílias não eram obrigadas a manter filhos nas escolas. Na entrevista alguém afirmou “que a situação hoje é bem melhor; na nossa época os pais tiravam a gente da escola para trabalhar, hoje os pais são obrigados a manter os filhos na escola, também tem ônibus que buscam eles para estudar na cidade”. Mesmo havendo essa melhorias, alguns jovens do Cajuru e de outras localidades mineiras onde trabalhei como Luminárias, Itutinga e Bom Sucesso, somente vão para escola para evitar que seus pais sejam chamados pela justiça; pois, caso falem por cinco dias consecutivos, os pais são notificados pela escola, permanecendo faltosos, o Conselho Tutelar é acionado e, posteriormente, os responsáveis têm que responder judicialmente perante o juiz conforme previsto nos art. 129, 229 e 249 do Estatuto da criança e Adolescente ( BRASIL,1990).

Com a aprovação desta lei, os pais ou responsáveis passaram a ter a obrigação de manter os filhos na escola; antes, o ensino não era obrigatório. No entanto, percebe-se que ainda há jovens que não estudam; contudo, em famílias com uma melhor visão de futuro, estudantes carentes conseguem garantir sua educação através do Programa Renda Mínima, antigo Bolsa Escola.

Sou filho de lavrador, meus pais não sabem ler nem escrever, meus irmãos mais velhos só sabem ler, estudaram muito pouco, na época não era cobrado manter filhos na escola, nossos pais não tinham condições de pagar os estudos na cidade. Mesmo com poucas instruções acadêmicas sempre falava da importância de estudar quando tem oportunidade. Sou o caçula de 8 filhos, consegui estudar graças ao programa Universidade para todos, criado no governo Lula em 2004 onde tive a oportunidade de entrar na faculdade. Me formei, arrumei um bom emprego, tenho orgulho em poder ajudar a melhorar a vida dos meus pais. Acredito que a educação quando é levada a sério pode mudar a vida das pessoas assim como mudou a minha.

Sempre pensava em estudar para melhorar e isso só foi possível, porque tivemos um Presidente que olhou para os pobres. Eu não queria ter a vida sofrida como teve meu pai, sempre via ele chegar do serviço já ao entardecer e muito cansado devido seu laboro. Mal tinha tempo de conversar com a família, acordava muito cedo, sempre falava que por falta de estudos tinha que trabalhar pesado de sol a sol e aguentar ofensas dos fazendeiros. Meu pai conta que na sua época não existia escola para quem era pobre, às vezes em algumas fazendas a filha do fazendeiro ensinava a escrever o nome, ainda criança já começava a trabalhar nas fazendas. Hoje vejo muitos jovens aqui (Referindo ao Cajuru) que não querem nada nem trabalhar nem estudar, vão para escola para fazer bagunças e envolver com outras coisas, as meninas chegam de barrigas e param de estudar. (ENTREVISTADO)

A cultura de que estudar é apenas para os ricos vem sendo quebrada e alguns programas governamentais deram aos pobres, que antes não tinham possibilidade de estudar, condições de concluírem e melhorarem sua formação. Atualmente, jovens do Cajuru do Cervo estão estudando mais, tendo uma profissão e melhores salários; diferente do que se vivia no passado. Tenho assistido o progresso de várias pessoas que estudaram e se estabeleceram ali; alguns comercializam queijos, verduras, ovos e frutas produzidos em suas pequenas propriedades, outros preferem trabalhar para empresas locais e têm suas carteiras assinadas, ao contrário de outras épocas quando os serviços eram temporários e os empregadores não tinham nenhuma responsabilidade com o empregado. Hoje muitas pessoas estão vivendo uma realidade diferente; pais que trabalhavam para fazendeiros, hoje têm filhos que são formados em faculdades, um fato que não acontecia na época deles.

Hoje aqui no Cajuru, quem estuda não depende mais de trabalhar apenas nas fazendas e ser escravos de fazendeiros como foram os nossos pais. Trabalhavam muito, ganhavam quase nada, mal dava para sustentar a família. Me lembro quando estudava aqui na escola local, muitos coleguinhas meus não estudavam, os pais não tinham dinheiro para comprar lápis e caderno, hoje a prefeitura fornece todo material para as crianças. No

presente vejo como o estudo melhorou nossas condições hoje tenho carro e casa própria, antes os trabalhadores tinham que morar nas fazendas e não tinham liberdade para nada, só serviam para enriquecer os que já eram ricos  
Relato de uma pessoa de 27 anos.

Por acreditar no poder transformador da educação, muitas pessoas que vivem ou que viveram no povoado do Cajuru do Cervo conseguiram estudar, como é o caso de professoras que moram lá e são funcionárias na escola municipal; hoje lecionam para os filhos de alguns fazendeiros, os quais, no passado, eram patrões de seus pais. Para quem viveu na roça a 30 ou 40 anos atrás, como eu e outras pessoas pobres, as chances de estudar eram remotas.

Atualmente sou professor e exemplo verídico de que a educação não só transforma, mas resgata o homem. Nasci neste povoado, filho de família extremamente pobre e negra, num tempo em que só estudava quem tinha recursos e entendimentos, o que não era a realidade na minha família. Antigamente meu pai, assim como os demais moradores daquele local, acreditava que não era possível filho de pobre estudar; uma questão cultural muito forte na época. A situação financeira era difícil, não existia transporte para estudantes do campo como acontece no presente e o que restava era aprender a trabalhar e lidar com a terra. Desde aquele tempo até os dias atuais, muitas pessoas das zonas rurais estudam menos por falta de recursos. Paulo Alentejano e Tassia Cordeiro, em matéria no Jornal MST publicada em 2019, afirmam que a taxa de analfabetismo no campo é de 17,7% contra 5,2% nas cidades; Pereira e Castro (2021) mostrou que o meio urbano responde por 88,9% dos estudantes brasileiros de 2019, ficando o meio rural com 11,1%; e Caldart (2009) afirma precisamente que “a escola deve estar em todos os lugares, em todos os tempos da vida, para todas as pessoas, não somente para a elite”. Assim como as professoras e outras pessoas citadas, estudei e me formei em Ciências Biológicas. Posso falar com orgulho desta conquista que veio com muito esforço; embora não tenha os melhores salários, sei que posso contribuir para o aprendizado dos meus alunos e das pessoas com quem convivo exemplificando que, através da educação, podemos mudar a sociedade que nos limita impedindo-nos de enxergar as possibilidades para sermos libertos.

### **Pergunta 3** - O que é mais importante para o momento: trabalho ou estudo?

Num primeiro momento, todos os entrevistados foram enfáticos ao dizerem que o trabalho é mais importante. Um jovem argumentou que a escola não dá condição para ele comprar o que quer, referindo-se a moto, tênis de marca, roupas, dentre outros, “por isso prefiro trabalhar e, também, não gosto de estudar”. Outro argumentou que “acho estudar

importante, mas, pela necessidade, priorizo o trabalho; vejo também que nem todo mundo que estuda consegue bons empregos”.

Esses jovens assumem relações conflitantes com a educação escolar, que interferem na própria identificação rural e/ou na construção da identidade escolar. Situação, esta, que faz perdurar a histórica dissociação do meio rural com o conhecimento científico e, também, a ausência de Políticas Públicas que possam garantir a efetivação dos direitos dos povos do campo. (SILVA E FEITOSA; 2013)

Constata-se que, para eles, o trabalho, assim como para a maioria dos brasileiros, é uma necessidade e não uma questão de escolha. Bacha et al (2006, p.431) citam que os jovens deixam a escola por sucessivas repetências, para ajudar no trabalho da família definitiva ou temporariamente, e porque a escola não oferecia perspectivas de futuro profissional. Já Haddad (2012) vê que a pouca qualidade da educação se mantém como aspecto central do problema. Silva e Feitosa (2013) falam que a sociedade se exime de qualquer responsabilidade, atribuindo a esses sujeitos a culpa por não ter cumprido seu dever de estudar. Para Nogueira (2009), adolescentes não orientados ou com pouca orientação familiar tomam decisões impensadas que comprometem seus futuros.

As circunstâncias tiram jovens da escola e colocam no mercado de trabalho muito cedo; dificilmente retornarão aos estudos e, assim, acabam optando pelo trabalho, mesmo tendo a percepção da importância dos estudos. Conforme a entrevista foi fluindo, descobri fatos que desconhecia e hoje já consigo ter uma visão melhor. Alguns jovens têm que trabalhar para ajudar no sustento em casa e, em outros casos, ainda cedo assumem responsabilidades de tutor da família; tem pai que está envolvido com outra família ou até mesmo com drogas.

Trabalho desde os meus 11anos, tive pouca oportunidade de estudar, só sei ler e escrever mais ou menos, meu pai, faleceu em um acidente quando eu tinha 10 anos. Como ele trabalhava para fazendeiro, não tinha carteira assinada, minha mãe não recebia nenhum benefício, passamos por muitas necessidades; por isso, tive que ajudar minha mãe a cuidar dos meus dois irmãos mais novos, enquanto ela trabalhava na roça e na limpeza das casas dos fazendeiros. Não era um serviço fixo; em época de colheita de café, eu não ia na escola para ajudar ela na colheita e, assim, aumentava a renda, Relato de um jovem de 24 anos.

Alves e Dayrell (2015) falam que as condições socioeconômicas em uma sociedade capitalista podem ser comprometedoras na elaboração dos projetos e que nem sempre basta querer. Outros entrevistados disseram que são filhos de mães solo e, assim como aqueles que relataram terem pais doentes, têm que ajudar a manter a casa. Quando trabalhei com Educação de Jovens e Adultos (EJA), em fartas conversas que tive com estudantes pude

conhecer um pouco de suas realidades; em um destes relatos ouvi alguns motivos que os tiraram da escola.

Sempre quis estudar, mas para quem morava na roça era mais difícil, a fazenda onde meu pai morava ficava muito longe da cidade, só tinha eu e mais três meninos da minha idade. Na época estudei pouco na roça, depois que meu pai veio para cidade que resolvi estudar novamente. Não é fácil trabalhar e estudar, mas se quiser alguma coisa melhor tem que lutar. No início, eu tinha muita vergonha por ser mais velho que os demais, mas hoje já não ligo muito, quero é recuperar atraso, vergonha é não estudar Estudante da EJA ,2017 -Luminárias- MG

Após essas experiências trabalhando com a EJA, meu olhar se tornou diferenciado e hoje, antes de qualquer julgamento, procuro entender o porquê de as pessoas serem diferentes e quais as razões de determinada situação. É comum ouvir nas salas de professores que jovens não estudam porque não querem, mas não é bem isso. Acredito que, se todos tivessem condições e a escola conversasse com eles, a maioria não deixaria de estudar; o que falta são políticas públicas e educação de qualidade que atendam às suas demandas e deem a eles condições para se manter na escola e trabalhar. Quando é possível conciliar estes dois fatores, o jovem se sente seguro e mais valorizado na sociedade.

**Pergunta 4** - Existem outros fatores, além da gravidez, que os levam a abandonar a escola?

Além da gravidez, outros motivos podem causar o abandono como, por exemplo, faltas escolares consecutivas por um longo período, baixa renda, pouca perspectiva de futuro, envolvimento com drogas, reprovações consecutivas e estar fora da idade. Nas escolas em que trabalhei e trabalho, já presenciei várias adolescentes que engravidaram no 9º ano e no primeiro ano do ensino médio que abandonaram a escola, confirmando o exposto por Santos Nogueira (2009, p.51) onde afirma que “No Brasil, é na camada social com menor poder aquisitivo que se encontram os maiores índices de fecundidade, baixa escolaridade e, muitas vezes, a repetência, aliada à falta de recursos materiais, financeiros e emocionais”.

Meus pais são separados, somos três irmãos, sou a mais velha, quando eu estudava na cidade tinha 15 anos, a situação da minha família não era boa, para piorar eu arrumei um namorado e engravidei. Foi um choque para mim e desespero para minha mãe, ela acreditava que eu poderia estudar mais e não arrumar filho naquela idade, não sabia o que fazer. Foi uma gravidez conturbada, tive que abandonar os estudos para trabalhar, o pai do meu filho não assumiu a responsabilidade, tive que me virar de todas as formas. Sinceramente hoje me arrependo de não ter ouvido os conselhos dos mais velhos, mas estou me reerguendo quero terminar o ensino médio, para realizar meu sonho que é formar em enfermagem; vou batalhar para correr atrás do prejuízo. Relato de uma jovem de 19 anos que parou de estudar.

Não é apenas jovens mais pobres que engravidam, a gravidez também acontece com filhas de famílias ricas; porém, essas conseguem lidar melhor com a situação vez que possuem amparo financeiro e podem contratar babás para cuidar da criança, possibilitando que continuem estudando, diferente do que acontece com as mais pobres que abandonam os estudos por não ter com quem deixar a criança.

Outros fatores apontados são jovens que estão fora da idade e se sentem envergonhados de estar entre os mais novos em uma sala de aula. Um rapaz de 22 anos fez uma revelação sobre o que levou abandonar a escola.

Quando eu tinha 14 anos comecei a envolver com amigos que não gostava de estudar. Fui influenciado por eles, comecei a faltar de aulas logo tive envolvimento com drogas, causei muito sofrimento para minha família, abandonei a escola aos 17 anos, quando não tinha terminado nem o ensino fundamental. Hoje percebo o quanto é difícil ser aceito na sociedade, mesmo tendo parado de usar drogas, as pessoas ainda me veem como viciado, tenho dificuldades de conseguir emprego, acho as pessoas muito injustas com quem erra, dificilmente terei oportunidade de ter um bom emprego, não estudei.

Castro e Tavares Jr. (2016, p. 242) apontam que os problemas do próprio sistema educacional comprometem fortemente as trajetórias escolares dos indivíduos pertencentes a grupos sociais menos favorecidos; não somente no que se refere à conclusão do ensino médio, mas toda sua escolarização e inserção social. Já observei que o envolvimento de jovens com drogas lícitas e ilícitas pode estar relacionado pela necessidade de provar para os amigos que conseguem fazer parte do meio. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE, publicada em 2015 pelo IBGE, 55,5% dos jovens que estão concluindo o 9º ano do Ensino Fundamental já fizeram ingestão de álcool. Além disso, 9% também já utilizaram drogas ilícitas. O depoimento deste jovem mostra como o meio pode influenciar as pessoas em determinada fase da vida, principalmente no período de construção de conhecimentos.

Outro ponto analisado são as reprovações que acontecem e levam os alunos a abandonarem a escola. Isso se dá porque muitos estudantes acham a escola desinteressante e julgam que não são capazes de aprender. Um jovem fez o seguinte depoimento: “vou viver minha vida ao lado das pessoas que me aprovam, frequentar escola é muito chato, não aguento conviver com nerds, prefiro estar junto dos meus parças”, referindo-se ao seu grupo de amigos. Quando o estudante tem essa visão, começa a se afastar da escola e envolver com outros meios.

**Pergunta 5** - Durante o período escolar já foi reprovado/a em alguma série? A reprovação teve ou tem alguma influência para continuar estudando ou não?

As reprovações acontecem por vários fatores, dentre eles, a falta de interesse dos estudantes, a dificuldade para aprender durante as aulas e a falta de interação entre a escola, família e o aluno. Um estudo realizado por Menezes (2016), também apontou como causas principais a dificuldade de compreenderem as matérias, indisciplina, má influência dos amigos e desagrado de estudar. É notório que, quando o aluno não entende o conteúdo estudado, ocorre o desinteresse e isso desencadeia problemas de disciplina, em alguns casos, gera agressividade contra o professor e mau relacionamento com a escola. Percebo que isso acontece quando o professor explica algo que já está pronto e não se coloca com autonomia para ir além, trabalha de forma muito engessada, servindo apenas para cumprir o que é demandado pela escola; uma pessoa afirmou:

Fui reprovado porque não gostava do professor nem da matéria; sempre nas aulas dele, quando não dormia, eu ficava fazendo bagunça, fui expulso várias vezes até chegar ao ponto de eu não ir mais na escola. Hoje me arrependo de não ter levado a sério, mas também não tinha quem me orientava, minha mãe coitada só tinha reclamações de mim, mas hoje tenho uma visão diferente, tenho um filho pequeno, assim que ele estiver estudando vou cobrar o máximo para que ele não repita os meus erros. Tenho vários colegas que a família cobrava deles o estudo, hoje são formados em faculdades e tem emprego fixo, enquanto eu fico aqui ralando, não terminei nem o ensino médio, hoje percebo como faz falta. Relato de um jovem de 25 anos.

Silva e Feitosa (2013), conforme já citado, falam que a sociedade se exime de qualquer responsabilidade atribuindo a esses sujeitos a culpa por não terem cumprido seu dever de estudar; o que eles destacam, infelizmente, é uma realidade frequente nos nossos dias e uma situação desafiadora para os professores; pois, as escolas públicas, além de não oferecerem educação de qualidade, ainda apresentam uma estrutura que não oferece boas condições aos estudantes como, por exemplo, não possuem espaços e materiais como bibliotecas atualizadas, internet e computador. Mas, vejo que além dessas deficiências, existem outros pontos que requerem um estudo mais aprofundando que seja capaz de responder porque isso acontece; pois, sei que existem vários fatores e vão além das minhas observações. Freire (1987) explica a situação do oprimido, e discute como a escola poderia ser mais libertadora. Mas o corpo docente vive situações precárias e apresenta dificuldades para desenvolver essas ideias, além de não ter uma formação anterior e continuada que ajude

nisso. Infelizmente, muitos professores estão de forma inadequada em instituições que não prezam pela qualidade.

Outro ponto verificado é a distância, estudantes das zonas rurais que estudam na cidade perdem muitas aulas conforme relata um dos participantes das entrevistas; ele diz que “quase sempre chegamos atrasados, perdemos parte da explicação do professor, sabemos que nas avaliações irá nos fazer falta, deixamos de receber alguma informação importante”, e isso pude observar pessoalmente, alunos de zona rural, além de chegarem atrasados, precisam ser liberados antes do término da aula por causa do transporte que deveria atender os alunos não os alunos atender o transporte.

Castro e Pereira (2021, p.7) apontou que as escolas públicas não fornecem aos estudantes infraestrutura e meios de aprendizado adequados; logo, eles não conseguem obter um bom resultado. Entende-se que isso ocorre por motivos diversos, dentre os quais estão a falta de diálogo, o conteúdo com pouca aplicação e a ausência nas aulas, culminando em sucessivas reprovações que, em alguns casos, levam ao abandono escolar. Santos e Nogueira (2009, p.51) trazem dados assustadores sobre a educação e afirmam que “há entre adolescentes mais pobres uma defasagem de três anos, considerando entre idade e série”. Desse modo, nota-se que as reprovações atingem estudantes rurais e urbanos.

#### **Pergunta 6 - Você tem o apoio da sua família em relação aos estudos?**

Alguns alunos afirmaram que os pais ou responsáveis sempre vão à escola para conversar com os professores e supervisão; “fico muito feliz em saber que meus pais preocupam com meu desempenho escolar, sempre procuram saber o que eu estou aprendendo, assim como, quais são as minhas dificuldades”. Já percebi que, mesmo aqueles pais que não têm conhecimento acadêmico, demonstram preocupação com a vida escolar dos filhos e eles conseguem um bom rendimento escolar.

Esse apoio familiar é importante para que os filhos estudem mais e se tornem mais confiantes em suas decisões. Santos e Nogueira (2009) analisou a relação entre o rendimento escolar dos filhos e a renda familiar e verificou que, quem tem melhores condições, estuda mais. No entanto, como professor de escola pública, tenho observado que não é só o poder econômico que faz o jovem estudar mais; ele pode contribuir, mas não é garantia de sucesso escolar. No povoado do Cajuru do Cervo conheci famílias que não têm situação econômica favorável e conseguiram que seus filhos fizessem faculdade; ao passo que em outras famílias com melhores condições, os filhos não estudaram. Quando faltam as condições econômicas, o

apoio da família é muito importante; podemos ver isso no relato de três jovens, filhas de uma mãe viúva e pobre, dizendo que “nossa mãe sempre deu muita importância e apoio à nossa educação mesmo nas dificuldades que vivíamos; sempre nos incentivou a não parar de estudar, hoje temos curso superior”.

Castro e Tavares Junior (2016, p.243) evidenciam que há estudantes de escolas públicas com baixo poder aquisitivo e filhos de pais semianalfabetos que alcançaram sucesso escolar; isto é, chegaram ao terceiro ano do ensino médio. Vejo que muitos vão além do ensino médio; logo, apesar do poder econômico oferecer melhores condições, somente ele não garante o sucesso escolar. Charlot (2011) em entrevista disponibilizada pelo Youtube afirmou que “não há relação direta entre fracasso escolar e classe social”, ele fala que, “em termos estatísticos, existe uma probabilidade maior de alguém de classe popular fracassar”. Pude observar o que expôs Charlot, “que há também estudantes filhos da classe média que são reprovados”, e isso evidencia que não se trata apenas do fator econômico; é necessário que o estudante tenha uma rede de apoio para que consiga atingir seus objetivos.

Em Itutinga MG, também há uma família cujo filho estuda na escola local, no ensino médio, e que vejo grande interesse por parte dela em seus estudos; estão presentes em todas as reuniões, além de irem à escola duas a três vezes por mês sempre buscando informações e orientações sobre o desempenho do filho. Tiba (1996) já apontava a importância da família e escola caminharem juntas; quando há essa integração, os resultados são mais eficazes no desenvolvimento do ser humano, uma complementando a outra. Observei que essa parceria é importante, muito efetiva e faz diferença na vida escolar do aluno; mas vale ressaltar e entender que o apoio familiar não vem somente dos pais, no meu caso ele veio da minha irmã mais velha que já era casada e morava na cidade. Ela me ajudou muito quando eu mais necessitava e esse respaldo foi fundamental para o início da minha caminhada até a conclusão de minha formação acadêmica.

Sem dúvidas, o rendimento escolar é melhor quando a família está presente. Um estudante afirmou que “meus pais nem sabem qual série eu estudo e nem se fui reprovado, nunca olharam meu caderno, sempre que são chamados pela escola nunca vão, dizem que não têm tempo”. Esta fala é de um jovem que, aparentemente, tem uma boa situação financeira, mas sem instrução. Santos e Nogueira (2009) citam que, quando não há orientação familiar, os jovens tomam decisões impensadas que comprometem seus futuros. Normalmente estes alunos não terminam o ensino médio, não são cobrados pelos responsáveis a ter um bom desempenho.

**Pergunta 7** - Por morar na zona rural e estudar na cidade, já sentiu inferior em relação aos colegas da cidade?

Hoje, ainda existe muita discriminação com quem mora no campo e, talvez, seja por causa do próprio sistema educacional que não dá direito de igualdade. Um aluno afirmou que às vezes, a maneira como é tratado, o faz sentir-se marginalizado, “normalmente as meninas nem conversam com a gente”. Os estudantes do campo são direcionados para as escolas das cidades sem antes serem ouvidos; ao chegarem na escola, sentem-se deslocados como afirmou um estudante ao dizer que “eu sempre morei na roça, terminei o ensino fundamental lá, quando cheguei para estudar na cidade, devido ao meu estilo de gostar de usar boné e botas, fui tratado com desprezo”. Infelizmente, esse é um fato comum e ocorre com frequência; as escolas que recebem estes alunos normalmente separam por sala específica com a nomenclatura alunos das zonas rurais e, automaticamente, já de início, os estudantes se veem excluídos e muitas vezes são taxados pelos colegas das cidades como “matutos”.

Entendo que isso acontece pelo fato de os estudantes rurais chegarem empoeirados na escola por causa dos vários quilômetros percorridos em estradas esburacadas; ademais, em época de chuvas, alguns chegam molhados e com barro em suas roupas. Quase sempre são feitas piadas para quem é do campo e estuda na cidade; no entanto, nos dias de hoje isso tem acontecido com menor intensidade.

**Pergunta 8** - Há dificuldades em estudar na cidade e usar o transporte escolar? Por quais motivos?

As dificuldades dos alunos das zonas rurais que necessitam do transporte escolar para estudar na cidade são várias, podendo ser citadas a má conservação das estradas que tornam a viagem perigosa e a distância dos pontos de embarque, muitos estudantes chegam a caminhar até 40 minutos para chegar até os pontos e, em períodos chuvosos, a situação fica pior. Vários estudantes do povoado do Cajuru do cervo relataram em seus depoimentos que “já perdemos aulas devido as condições do transporte e conservação das estradas”. Em 2014, o transporte escolar de má qualidade oferecido nas áreas rurais foi tema de reportagem do Noticiário G1 do Sul de Minas onde apontaram problemas de conservação e ausência de equipamentos de proteção.

Um estudante relatou que o ônibus já quebrou várias vezes quando estavam voltando para suas casas; outro afirmou, “já cheguei em casa após quatro horas do término das aulas,

fiquei um longo período sem se alimentar”; em condições normais, o mesmo trajeto duraria em média uma hora. Esses relatos nos mostram o quanto que a educação para quem vive no campo é mais difícil. Conforme apontado por Haddad (2012), moradores das áreas rurais com idade de 15 anos estudam em média 4,8 anos e os da cidade na mesma situação estudam 7,5 anos; tal diferença pode estar associada à distância, mas vejo que outros fatores, a exemplo dos já mencionados e, inclusive, citados por Vendramini (2007) como a pobreza, o desemprego, as grandes desigualdades sociais e as dificuldades de acesso às políticas públicas, também impactam e contribuem para essa deficiência de escolaridade no meio rural.

Se não houvesse o fechamento das escolas rurais como vem acontecendo, a acessibilidade para quem precisa estudar seria mais fácil. Como docente de alunos de áreas rurais pude ver que o deslocamento causa nestes estudantes desânimo e muitos desistem sem terminar o ensino médio; além disso, muitas famílias relataram que ficam com medo de que seus filhos sofram acidentes e é uma preocupação pertinente porque notamos que as condições dos transportes escolares não são boas, como apontou a reportagem do G1 do Sul de Minas em 2014. Frequentar a escola é um desafio para os estudantes das zonas rurais, “ficar horas dentro de um ônibus sem conforto todos os dias não é uma tarefa fácil” conforme afirmou um estudante de 16 anos e confidenciou que já pensou em parar de estudar devido a distância, “saímos muito cedo de casa e chegamos tarde, cansados e com fome”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando este trabalho de pesquisa sobre as dificuldades de escolarização dos jovens que vivem no campo foi iniciado, embora sendo professor e tendo origem rural, eu ainda não havia entendido por que tantos jovens abandonam a escola sem terminar o ensino fundamental e médio. Antes eu tinha uma visão diferente da que tenho hoje; acreditava que estes jovens não estudavam porque não queriam e adotava isso como uma verdade absoluta. Logo que comecei no mestrado em 2020, comecei a ter um olhar diferente sobre a situação e a entender que muitos desses jovens não estudam não é porque não querem, mas, sim, porque existem diversos fatores que contribuem para que jovens abandonem a escola. Partindo dessa nova percepção do problema, foram elaboradas algumas hipóteses sobre os motivos que levam jovens a não estudar ou abandonar a escola, dentre elas estão a distância, a gravidez e o apoio da família. Para comprovar o que eu havia percebido foi feito um trabalho de campo por meio de entrevistas com moradores onde pode-se colher dados até então desconhecidos, mesmo tendo feito parte deste universo.

A partir dos dados obtidos no povoado rural do Cajuru do Cervo e entorno foram detectados dois pontos que chamaram atenção em relação à escola; um deles é que, quando o jovem é amparado pela família, o seu sucesso escolar é melhor e isso tenho percebido nas escolas estaduais onde trabalhei e trabalho. Quando há esse respaldo familiar, os filhos se sentem mais protegidos; essa hipótese foi confirmada através de um depoimento dado pelas filhas de uma mãe viúva que sempre as incentivou a estudar mesmo com as dificuldades financeiras que enfrentavam. Além destas moças, conheci outras famílias que igualmente priorizaram os estudos dos filhos, mesmo sem condições econômicas favoráveis. Conhecer quem são e como vivem esses jovens me trouxe à memória o início da minha trajetória, pois vivi essa realidade em época diferente e sei que existem dificuldades para quem vive no campo e é pobre.

Ao longo deste trabalho, foram citados autores que falam da importância do poder econômico no sucesso escolar; percebi que não é somente isso, existem outros fatores que devem ser analisados, mas, a princípio, acredita-se que quem tem dinheiro estuda mais, ainda que haja exceções a exemplo das abordadas neste estudo. É fato que ter melhores condições financeiras possibilita ir mais adiante; contudo, conheço filhos de ricos que não estudaram, enquanto filhos de pobres foram muito mais além e hoje têm uma boa profissão. Esta visão de estudar mais está na cultura, valorização e vontade de vencer; para pessoas pobres, estudar e se formar é uma vitória imensa. Mas, no meio familiar de muitos, ainda existe a cultura de

que estudar é só para os ricos e os pobres têm é que trabalhar; essas mensagens chegam até os filhos e os levam a acreditar que não são capazes, por isso vejo que a família é muito importante para o sucesso escolar dos jovens e tem papel fundamental em sua escolarização.

No entanto, entre a população desfavorecida também há famílias e estudantes que têm outra visão sobre este tema; acreditam que, para melhorar de vida, é importante estudar, não basta apenas o dinheiro. Foi constatado que há pessoas no povoado que estudaram e conseguiram se estabilizar em um emprego e hoje têm salários mais justos, diferente de seus antepassados que não tinham alternativa a não ser trabalhar de forma desumana. Pessoas do povoado citado buscam resultados imediatos; ignoram e abandonam a escola para trabalharem em serviços que não exigem qualificação simplesmente para satisfazerem seus objetivos momentâneos, os quais normalmente se traduzem em aquisição de bens como carros e motos. Os que têm essa visão, veem no trabalho a melhor opção de realizar seu desejo; já outros que deixam a escola para trabalhar, é uma questão de necessidade para ajudar no sustento da família. Acredito que a má qualidade do ensino público e a falta de diálogos têm afastado muitos jovens da escola. Para quem deseja estudar e trabalhar, os horários são incompatíveis; logo, prioriza-se o trabalho.

Relatos de pessoas ao longo desta pesquisa evidenciaram essa realidade. Muitos vão para escola porque são obrigados e não permanecem, alegam que são pobres e não precisam estudar para trabalhar; como se vê, essa é uma cultura que permeia gerações. Entre os estudantes das zonas rurais, em época de colheitas de café, feijão e outras, é muito comum abandonarem a escola para trabalharem e garantirem um aumento na renda da família, deixando a escola em segundo plano. Vejo isso acontecendo com frequência porque o modelo de currículo não é ajustado para quem vive no campo. Hoje sabemos que grande parte destas juventudes estudam na cidade por não haver escolas rurais e, com isso, as dificuldades que enfrentam são muito maiores do que àquelas enfrentadas pelos estudantes que moram na cidade; eles passam horas dentro dos ônibus escolares no trajeto casa-escola-casa e isso também acaba desestimulando sua permanência na escola, situação que é agravada pelo fato de terem que acordar muito cedo, chegar tarde em casa e, muitas vezes, com fome.

Dentre os fatores abordados nesta pesquisa, a dificuldade em conciliar trabalho e escola, a reprovação e a gravidez no período escolar são consideravelmente relevantes para que jovens desistam de estudar. Em minha experiência como docente, pude observar que muitas jovens quando engravidam, geralmente param de estudar entre o 9º ano do ensino fundamental e o 1º ano do ensino médio; é um problema comum e agravado quando os pais

não assumem o compromisso, obrigando as jovens a se tornarem mãe solo e trabalharem para sustentar o filho enquanto ele é cuidado pela família.

Outro ponto observado é o desinteresse dos estudantes e, também, dos professores que não têm uma formação que seja capaz de atingir o objetivo do aluno. Percebe-se, no entanto, que no contexto vivenciado existe um distanciamento entre professor e aluno. Sendo professor de escola pública, observei que essa realidade não está concentrada apenas em jovens das zonas rurais, jovens da cidade enfrentam os mesmos problemas, mas têm uma pequena vantagem em relação aos estudantes das zonas rurais, as escolas são mais próximas de suas casas. Esse retrato evidencia as desigualdades e problemas sociais existentes no país e como podem impactar direta e indiretamente no desinteresse dos estudantes em prosseguirem com os estudos. Além destes fatores, há também a questão cultural onde muitos acreditam ser melhor trabalhar do que estudar; para estes, faltam uma melhor orientação de não só viver o presente e, ao passar o tempo, eles perceberam que não conseguem ter salários justos porque não têm uma boa formação. Pessoas que estudaram têm uma visão diferente e veem nos estudos possibilidades de mudança e melhor qualidade de vida.

Desse modo, foi constatado que a maioria dos estudantes entrevistados não acreditam que a escola seja capaz de melhorar sua condição de vida, pois veem no trabalho melhores possibilidades de conseguirem o que querem. Considero que isso acontece com frequência; nota-se que os jovens não estão preparados para fazer suas escolhas porque não há diálogo entre a escola, estudantes e família, visto que o que está sendo ensinado não condiz com suas realidades. É necessário um olhar mais crítico para dentro das escolas a fim de encontrar formas de torná-las mais atrativas; mas, para mudar essa realidade é preciso atentar para essas questões e ter foco para trabalhá-las.

Ao desenvolver essa pesquisa entendi que não basta apenas querer, precisamos entender e enxergar as diferenças em uma sociedade tão desigual, onde as oportunidades são mais claras para aqueles que dispõem de certo tipo de capital; pude observar isso no período de pandemia onde alunos que não tinham recursos financeiros foram privados de estudar.

Há pessoas que vivem no povoado do Cajuru do Cervo que conseguiram superar as adversidades; contudo, há também aqueles que não conseguiram, seja por não tentarem ou por razões sociais e culturais que devem ser levadas em conta. Mediante tudo o que foi exposto e observado é evidente que muitas coisas precisam ser melhoradas no campo e vai além da transferência dos alunos das zonas rurais para escolas nas cidades. Esta não é a forma de resolver o problema da deficiência de escolarização que é abrangente neste povoado e essa

percepção da dificuldade de estudantes do campo é um assunto que requer trabalhos mais aprofundados.

As dificuldades de escolarização existem e é realidade constatada ali, principalmente os mais vulneráveis, indiferente de morarem no campo ou na cidade. Os problemas apontados ao longo dessa pesquisa são apenas uma pequena parte do conjunto de adversidades muito mais abrangentes que impactam a vida de inúmeros brasileiros. São perceptíveis as falhas no processo da educação e estas não são tratadas com seriedade pelos nossos governantes.

É certo que o ensino e o aprendizado fazem diferença na vida das pessoas e trazem mudanças positivas para o meio em que vivem; seja no trabalho ou na sociedade que pede socorro diante de tanta injustiça por falta de conhecimento. Vejo na educação o caminho para a extinção de vários problemas em uma sociedade sucateada e que vive à mercê de políticas que não valorizam esta área. A questão não está apenas em colocar e facilitar o estudo para os jovens que vivem nas classes menos favorecidas; é preciso pensar em uma educação de qualidade, que os leve a refletirem e discutirem políticas públicas para que, no futuro, todos estejam engajados na conquista de uma sociedade mais justa e humanizada, onde a educação realmente seja um direito de todos e não apenas de alguns contemplados.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. **Ser alguém na vida:** um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. Educ. Pesquisa. São Paulo, v. 41, n. 02, p. 380, 2015. Disponível em: < <https://www.scielo.br/1517-9702-ep-41-2-0375.pdf>>. Acesso em: ago. 2020.
- ALVES, Nielsen; NASCIMENTO, Hiata Anderson Silva do. **Evasão Escolar no Meio Rural:** estudo de caso na Escola Família Agrícola de Chapadinha. Revista Eixo. Brasília-DF, v. 6, n. 2, julho-dezembro de 2017 Disponível em: <<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/356/297>> Acesso nov. 2021
- ANDRADE, E.; BARBOSA FILHO, C.; FARIA, M. **O fechamento de escolas do campo como política de governo:** experiências vivenciadas em Carangola/MG. ReDiPE: Revista Diálogos e Perspectivas em Educação, v. 2, n. 1, p. 267-282, 28 jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/ReDiPE/article/view/1263/524>>. Acesso em: ago. 2021.
- ARROYO, Miguel G. da. **Escola coerente à Escola possível.** São Paulo: Loyola, 1997 (Coleção Educação popular – nº 8.). Disponível em: <<https://periodicos.uni7.edu.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/649>>. Acesso em: set. 2020.
- AURIGLIETTI, Rosangela Cristina Rocha. **Evasão e abandono escolar:** Causas, consequências e alternativas – o combate à evasão escolar sob a perspectiva dos alunos. Disponível em: <[https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_ufpr\\_ped\\_artigo\\_rosangela\\_cristina\\_rocha.pdf](https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_ped_artigo_rosangela_cristina_rocha.pdf)>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- BACHA, Stella Maris Cortez et al. **Rendimento escolar de alunos da área rural em escola urbana.** Revista CEFAC, v. 8, p. 429-440, 2006.
- BOMFIM, Leny A. **Grupos focais:** conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physics/a/gGZ7wXtGXqDHNCHv7gm3srw/?lang=pt>>. Acesso em: mar. 2022
- BONAMINO, Alicia et al. **Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar:** um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 45, p. 487-499, 2010.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução:** Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. 2. ed. Petrópolis: Ed. Vozes 2009. 266 p.
- BRASIL. Fundação IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Cidades e Estados.** Página Internet: 2020. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/lavras.html>>. Acesso em: 15 set. 2020.

BRASIL. Fundação IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD**. Assessoria de Comunicação Social. Disponível em: <pnad - Ministério da Educação>. Acesso em: 03 ago. 2020.

BRASIL. IBGE-Pesquisa nacional de saúde do escolar: PeNSE 2015/IBGE. **Coordenação de População e Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>>. Acesso em: jul. 2022

BRASIL. INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. **Matrículas e Infraestrutura**. Censo Escolar. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>  
[https://www.qedu.org.br/estado/113-minas-gerais/censo-escolar?year=2020&dependence=0&localization=0&education\\_stage=0&item=](https://www.qedu.org.br/estado/113-minas-gerais/censo-escolar?year=2020&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=)>. Acesso em: 18 set. 2020.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**: Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. **Lei 10880 (2004)**: Institui o Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar – PNATE. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/lei/110.880.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.880.htm)>. Acesso em: jun. 2022

BRASIL. Ministério da Saúde. **A Adolescente Grávida e os Serviços de Saúde no Município**. 2ª edição, 2000. Disponível em: <[https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0101adolescente\\_gravida.pdf](https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0101adolescente_gravida.pdf)>. Acesso em: fev. 2021.

BRASIL DE FATO. **80 mil escolas fechadas no campo brasileiro em 21 anos**. (2019) Artigo ALENTEJANO, Paulo; CORDEIRO, Tássia. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/29/artigo-or-80-mil-escolas-no-campo-brasileiro-foram-fechadas-em-21-anos>. Acesso em: jul. 2021.

BRITO, Debora. **Gravidez precoce ainda é alta, mostram dados**. Jornal do Senado, ano 23, n. 4.778, 10 out. 2017. Especial Cidadania, ano 14, n. 611. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/gravidez-precoce-ainda-e-alta-mostram-dados>>. Acesso em: ago. 2021.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo**. In: CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel B.; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Dicionário da educação do campo. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 259-267

CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo**: notas para uma análise de percurso. Artigos Trab. educ. saúde 7 (1) Jun. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/?lang=pt>>. Acesso nov. 2020

CALDART, Roseli Salete; STEDILE, Miguel Enrique; DAROS, Diana (Ed.). **Caminhos para transformação da escola 2**: agricultura camponesa, educação politécnica e escolas do campo. Expressão Popular, 2015.

CAMINI, Isabela. **O cotidiano pedagógico de professores e professoras em uma escola de assentamento do MST: Limites e desafios.** Pós-graduação em Educação/UFRGS. Porto Alegre, 170 p., 1998. Disponível em: < <https://mst.org.br/download/mestrado-o-cotidiano-pedagogico-de-professores-e-professoras-em-uma-escola-de-assentamento-do-mst-limites-e-desafios/>>. Acesso em: nov. 2020.

CARDOSO, Luciana Roberta Donola; MALBERGIER, André. **Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 18, p. 27-34, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/Q9vFZrYKyXL9kq7FkHP7fhy/?lang=pt>>. Acesso em: jul. 2021.

CASTRO, César Nunes de; PEREIRA; Caroline Nascimento. **Educação Meio Rural: Diferenciais Entre o Rural e o urbano.** © Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA 2021. Disponível em: < [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10501/1/td\\_2632.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10501/1/td_2632.pdf) > Acesso em: out. 2021

CASTRO, Vanessa Gomes de. **Determinantes do sucesso educacional: um olhar sobre as trajetórias educacionais de sucesso.** 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/scpllr/article/view/64758>>. Acesso em: abr. 2021.

CASTRO, Vanessa Gomes de; TAVARES, Fernando. **Jovens em contextos sociais desfavoráveis e sucesso escolar no ensino médio.** Educação & Realidade, v. 41, p. 239-258, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/MkBmX3S7sVZwjssVywnSrVD/?lang=pt/>>. Acesso em: jun. 2021.

CHARLOT, Bernard. **Existe o fracasso escolar?** 30 de jun. de 2011 Entrevista com Bernard Charlot, Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Paris, pesquisador do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1HUIQIduYzk>. Acesso em: ago. 2022

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1987. 17ª ed. p.39.

FREIRE, Rose Héliida Astolfo. **Possíveis causas da evasão escolar e de retorno na educação de jovens e adultos.** Universidade Tecnológica Federal do Paraná/UTFPR – Campus Medianeira. Monografia, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4434/1/MD\\_EDUMTE\\_2014\\_2\\_74.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4434/1/MD_EDUMTE_2014_2_74.pdf) >. Acesso em: fev. 2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação omnilateral.** In: Dicionário da Educação do Campo. Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

G1 SUL DE MINAS. **Alunos da zona rural andam em ônibus superlotados em Varginha.** G1 Sul de Minas, 06 de fevereiro de 2014. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/02/transporte-rural-anda-com-o-dobro-da-capacidade-em-varginha-mg.html> >. Acesso em: ago. 2020.

GATTI, Bernadete. A. **Grupo Focal em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2005.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:

<<https://home.ufam.edu.br/salomao/Tecnicas%20de%20Pesquisa%20em%20Economia/Textos%20de%20apoio/GIL,%20Antonio%20Carlos%20-%20Como%20elaborar%20projetos%20de%20pesquisa.pdf>>. Acesso em: mai. 2020.

HADDAD, S. **Direito à Educação**. In: Dicionário da Educação do Campo. Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MARCHESI, Á.; GIL, C. H. & Colaboradores. **Fracasso Escolar: Uma Perspectiva Multicultural**. Porto Alegre: Artmed, 2004. Disponível em <http://www.ucs.br/~anpedsul/paper/viewFile.pdf>. Acesso em: nov. 2020.

MARQUES, Rosa Maria. **A importância da bolsa família nos municípios brasileiros número**. Cadernos de Estudos Desenvolvimento Social em Debate, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2005. Disponível em: <<https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/ferramentas/docs/caderno%20-%2001.pdf>>. Acesso em: jun. 2021.

MARQUES, Tatyane Gomes. **Pedagogia da terra: significados da formação para educadores e educadoras do campo**. Dissertação (Mestrado). UFMG/FaE, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/disserta.pdf>>. Acesso em: mai. 2021.

MARTINS, Suely. **Movimentos sociais e educação do campo: a experiência dos jovens do MST no Paraná**. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 209-231, mar. / jun. 2013.

MENEZES Isabela Gonçalves De. **No Sertão da minha Terra**, o sentido da escolarização, as expectativas profissionais e o discurso sobre identidade e individualizações de jovens rurais estudantes do ensino médio em escolas urbanas. Universidade Federal de Sergipe -programa de pós-graduação em educação. Doutorado em educação. 2016. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/4596>. Acesso em: ago. 2022

MINAS GERAIS. **Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais sobre a coleta e o acompanhamento de dados do Censo Escolar 2019**. Disponível em: <<https://www2.educacao.mg.gov.br/component/gmg/story/9814-dados-da-educacao-basica-ja-estao-sendo-coletados-pelo-censo-escolar>>. Acesso em: dez. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social, teoria, método e criatividade**. (p.64-66); Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. Ed. Vozes. 2009. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: mai. 2021.

MOLINA, Mônica Castagna et al. **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: IESJV, Fiocruz, Expressão Popular, 2011.

NETO, Luiz Bezerra. **Educação do campo ou educação no campo?**. Revista HISTEDBR On-Line, v. 10, n. 38, p. 150-168, 2010.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições.** Educação & Sociedade, v. 23, p. 15-35, 2002. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000200003>>. Acesso em: mar. 2021.

NOGUEIRA, Maria Alice. **A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas.** Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/237662783\\_A\\_relacao\\_familia-escola\\_na\\_contemporaneidade\\_fenomeno\\_socialinterrogacoes\\_sociologicas](https://www.researchgate.net/publication/237662783_A_relacao_familia-escola_na_contemporaneidade_fenomeno_socialinterrogacoes_sociologicas). (2005)> Acesso em: mai. 2021.

OLIVEIRA, Cesar José de; SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Educação do Campo.** In: campo- políticas públicas – educação / Bernardo Mançano Fernandes ... [et al.]; organizadora, Clarice Aparecida dos Santos. Brasília: Incra; MDA, 2008 109 p.; 19 cm - (NEAD Especial; 10)

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de; CAMPOS, Marília. **Educação Básica do Campo.** In: Dicionário da Educação do Campo. Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

OLIVEIRA, Wallace. **Despejo do Quilombo Campo Grande é o mais longo do séc. XXI e marca as lutas sociais.** Disponível em: <https://www.brasildefatong.com.br/2020/08/18/despejo-do-quilombo-campo-grande-e-o-mais-longo-do-sec-xxi-e-marca-as-lutas-sociais>. Acesso em: jul. 2021

PEREIRA Isabel Brasil. **Educação Profissional.** In: Dicionário da Educação do Campo. Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PRETI, Oreste. **Estudar a distância: uma aventura acadêmica.** Cuiabá Ed UFMT, 2006, v. 4, p.118.

REDE BRASIL ATUAL. **Fechamento de escolas rurais obriga crianças a passar mais tempo na estrada que em aula.** Disponível em:< [https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2017/03,Reportagem 09/03/2017](https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2017/03,Reportagem%2009/03/2017)>. Acesso em: jan. 2022

RIBEIRO Marlene. **Educação Rural** - In: Dicionário da Educação do Campo. Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 298

RIOS, Jane A. V. P. **Professores da cidade, alunos da roça: identidades e discursos na escola.** Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, v. 20, n. 36, 22 jun. 2013. Disponível em:< <https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/305>>. Acesso em: nov. 2020.

RIQUELME, Moreno Martinez; PERIC, Raja Bou Assi. As Exigências Educacionais Para o Mercado de Trabalho no Século XXI Suzana Faculdade Unida de Suzano – UNISUZ  
Disponível em: [http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/2017\\_0419175452.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/2017_0419175452.pdf) >. Acesso em: mai. 2022

RODRIGUES, Hanslilian Correia Cruz; BONFIM, Hanslivian Correia Cruz. **A educação do campo e seus aspectos legais.** Grupo de Trabalho – Educação indígena, quilombola e do campo, p.1373-1387. Disponível em:  
<[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25287\\_12546.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25287_12546.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2020.

SALATA, André. **Razões da evasão:** abandono escolar entre jovens no Brasil. INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 21 n. 1, p. 99-128, abr. 2019. Disponível em:  
<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/article/downloadPDF>>. Acesso em: mai.2021

SANTOS, Cristiane Albuquerque C. dos; NOGUEIRA, Kátia Telles. **Gravidez na adolescência:** falta de informação? Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente / UERJ - Vol. 6 nº 1 Páginas 48 a 56 - Jan/Mar – 2009. Disponível em:  
<[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=42n](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=42n)>. Acesso em: 16 set. 2020.

SCHWARTZMAN, Simon. **Educação:** A nova geração de reformas. In: Reformas no Brasil: Balanço e Agenda, (Org.) GIAMBIAGI, F., REIS, J. G., e URANI, A. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, p. 481-504. Disponível em:  
<<http://www.schwartzman.org.br/simon/pdf/reformas.pdf>>. Acesso em: set. 2020

SILVA, Priscila Teixeira da; FEITOSA, Débora Alves. **Juventude Rural e os Povos do Campo no Contexto da Educação Escolar.** Disponível em:  
<<http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/publicacoes-seminarios-do-gepec/seminarios-de-2013/4-educacao-do-campo-escola-curriculo-projeto-pedagogico-e-eja/d22-juventude-rural-e-os-povos-do-campo-no.pdf/view>>. Acesso em: nov. 2020.

SILVA, Vera Terezinha Carvalho. **O jovem rural como ator principal para a construção de um novo modelo rural, promovendo um espaço de qualidade de vida sustentabilidade social e ambiental.** Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2007. Disponível em:  
<[http://osgeydel.cebem.org/docs/19bra\\_431\\_204354.pdf](http://osgeydel.cebem.org/docs/19bra_431_204354.pdf)>. Acesso em: out. 2020.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do Campo:** Políticas, Práticas Pedagógicas e Produção Científica. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1089-1111, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: mai. 2022

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** 1ª edição. São Paulo: Editora Gente, 1996.

TRINDADE, Domingos Rodrigues da. **O potencial da licenciatura em educação do campo da universidade de Brasília para a produção de ações contra hegemônicas:** um estudo de caso no Assentamento Itaúna em Planaltina de Goiás. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Brasília, 2011. Disponível em:  
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/8513>. Acesso em: nov. 2020

VENDRAMINI Celia Regina. **Educação e Trabalho:** Reflexões em Torno dos Movimentos Sociais do Campo. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Cad. Cedhaddades, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 121-135, maio/ago. 2007 121. Acesso em: jun. 2022

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006. Disponível em:< [https://scholar.google.com.br/citations?user=\\_OUtbjQAAAAJ&hl=pt-BR.](https://scholar.google.com.br/citations?user=_OUtbjQAAAAJ&hl=pt-BR.)>. Acesso em: dez. 2020.